



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

# **MAPA AFETIVO DE LARANJEIRAS**

**Redes de memória em narrativas Transmídia**

**JULIA BOARDMAN CAVALCANTI**

RIO DE JANEIRO  
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**MAPA AFETIVO DE LARANJEIRAS**  
**Redes de memória em narrativas Transmídia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Comunicação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção  
do grau de Bacharel em Jornalismo.

**JULIA BOARDMAN CAVALCANTI**

**Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de A. Soares**

**RIO DE JANEIRO**  
**2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Projeto Prático **Mapa Afetivo de Laranjeiras: redes de memória em narrativas Transmídia**, elaborado por Julia Boardman Cavalcanti.

Projeto prático examinado:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de Araújo Soares  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Rose Marie Santini  
Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia – IBICT  
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Cristina Haguenauer  
Doutora em Ciências e Engenharia pela COPPE/UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFF

RIO DE JANEIRO

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

BOARDMAN, Julia. **Mapa afetivo de Laranjeiras: redes de memória em narrativas Transmídia**. Rio de Janeiro, 2017.

Projeto prático (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo)  
– Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de  
Comunicação – ECO.

Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Maria Clara Boardman e Marcos Cavalcanti, pelo amor genuíno, pelos constantes incentivos carinhosos e estímulos fraternos à realização dos meus sonhos.

Às minhas avós Eny Villar Boardman e Gilda Castro Couto, fortes mulheres e fontes inesgotáveis de memórias de prazer da infância. Ao meu avô Roberto Cavalcanti pela herança futebolística, de interesse na arquitetura e pelos pensamentos franceses. Presente nos fragmentos da memória e portanto infinito na metafísica do ser.

Às irmãs afetivas Alice Marie, pela cumplicidade na investigação das profundezas da vida, Héloïse Pandelon, Amanda Miranda e Larissa Souza pelas amizades que se acolheram nos momentos mais difíceis da juventude, sem entrar em falsas hierarquizações.

Às amigas Flora Prata, Flávia Brêtas, Fabíola Camargo, Camila Mazzucchelli, Caroline Lopez, Giulia Tucci, Jamille Chadud e Rebeca Eler e aos amigos Roger Delou, Sergio Colpaert, Damián Loustau e Leonardo Duarte por dividirem comigo suas subjetividades, suas dores, seus medos e suas alegrias.

À Raquel Paiva pela paciência e orientação. À Sylvie Georgiades pelas inspirações narrativas. A todos os colegas da Escola de Comunicação da UFRJ com quem tanto aprendi no cotidiano acadêmico. À Irene Niskier pelas orientações sobre a formatação.

À dona Edna, que abriu o extenso e bem cuidado arquivo da AMAL para minha consulta. À Isabel Vidal, que se disponibilizou prontamente a se encontrar comigo, a doar seus livretos e emprestar seu livro sobre a região. Ao Nireu Cavalcanti, por sua dedicação especial à pesquisa da história de Laranjeiras. Ao José Pougy, por seus inúmeros parágrafos complementares aos do Nireu. À Adriana Saraiva, por compartilhar os dados do IBGE. Ao Rogério Daflon, pelas pontes criadas.

BOARDMAN, Julia. **Mapa afetivo de Laranjeiras: redes de memória em narrativa Transmídia**. Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Projeto prático em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho é um mapa de redes de memórias afetivas no bairro das Laranjeiras, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, em narrativas Transmídia: um conjunto de histórias distribuídas em múltiplas mídias complementares e interdependentes na interpretação integral da mensagem. Os universos narrativos são constituídos a partir da articulação de entrevistas audiovisuais, elementos cartográficos, imagens de arquivo pessoal e dados coletados em mídias sociais. Esta convergência de sentidos, significados e símbolos no ciberterritório do mapa busca visualizar o valor subjetivo por trás do ambiente físico e estudar a interconexão das memórias de diferentes sujeitos a partir do afeto e do lugar, além de imortalizar vivências do campo não-racional decisivas na experiência do bairro.

**Palavras-chave:** afeto, memória, lugar, Laranjeiras, redes, transmídia.

## **LISTA DE FIGURAS**

- Figura 1 - Manchete de notícia de jornal sobre operação na favela Pereirão**
- Figura 2 - Publicação em página no Facebook sobre bastidores de mutirão de grafite no Pereirão**
- Figura 3 - Imagens coloridas e georeferenciadas de blocos de rua no Carnaval**
- Figura 4 - Mural em Laranjeiras com versos da canção All Star**
- Figura 5 - Casal de amigos com instrumentos no restaurante Varandas**
- Figura 6 - Mosaico de capturas de fotos na Horta da General publicadas no Instagram**
- Figura 7 - Mosaico de capturas de fotos no Parque Guinle publicadas no Instagram**
- Figura 8 - Mosaico de capturas de fotos na CAL publicadas no Instagram**
- Figura 9 - Mosaico de capturas de fotos na Casa da Leitura publicadas no Instagram**
- Figura 10 - Mosaico de capturas de fotos no Mercadinho São José publicadas no Instagram**
- Figura 11 - Mosaico de capturas de fotos na Perinatal publicadas no Instagram**
- Figura 12 - QR Code na calçada em frente à praia do Arpoador**
- Figura 13 - Mídias não-locativas digitais e mídias locativas digitais**
- Figura 14 - Uso comum de mídia e Transmídia**
- Figura 15 - Novas reações de interação social no Facebook**
- Figura 16 - Captura de conteúdo relacionado à geolocalização Laranjeiras no Facebook**
- Figura 17 - Mosaico de capturas de fotos na rua e no bairro das Laranjeiras publicadas no Instagram**
- Figura 18 - Capturas de tweet sobre as delícias gastronômicas de Laranjeiras**

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**Gráfico 1 - Estabelecimentos econômicos abertos em Laranjeiras no ano de 2015**

**Gráfico 2 - Postos de trabalho funcionando em Laranjeiras no ano de 2015**

**Gráfico 3 - Equipamentos municipais de educação em Laranjeiras**

**Gráfico 4 - Matrículas na educação infantil em Laranjeiras**

**Gráfico 5 - Matrículas no Ensino Fundamental em Laranjeiras**

**Gráfico 6 - Moradores de Laranjeiras alfabetizados por faixa etária**

**Gráfico 7 - Nascimentos segundo peso ao nascer em Laranjeiras no ano de 2015**

**Gráfico 8 - Nascimentos por tipo de parto em Laranjeiras no ano de 2015**

**Gráfico 9 - Nascimentos por sexo em Laranjeiras no ano de 2015**

**Gráfico 10 - Nascimentos segundo duração da gravidez em Laranjeiras no ano de 2015**

**Gráfico 11 - Nascimentos segundo a idade da Mãe em Laranjeiras no ano de 2015**



## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1 - Imóveis de Uso Residencial em Laranjeiras**

**Tabela 2 - Imóveis de Uso Não Residencial em Laranjeiras**

**Tabela 3 - Imóveis de Uso Não Residencial do Setor de Comércio e Serviços em Laranjeiras**

**Tabela 4 - Imóveis de Uso Não Residencial do Setor Industrial em Laranjeiras**

**Tabela 5 - Imóveis de Uso Não Residencial de Outros Setores em Laranjeiras**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. LARANJEIRAS: PERCURSOS E PRISMAS.....</b>	<b>13</b>
1.1 Do vale ao bairro.....	13
1.2 Consolidação e relevância política, econômica e cultural.....	16
1.3 Contradições e narrativas alternativas.....	24
<b>3. LARANJEIRAS EM NÚMEROS.....</b>	<b>30</b>
3.1 Demografia e cultura.....	31
3.2 Dinâmicas econômicas.....	38
3.3 Movimentação escolar.....	41
3.4 Saúde e desenvolvimento humano.....	43
<b>4. REDES DE MEMÓRIAS AFETIVAS.....</b>	<b>46</b>
4.1 Afeto e lugar: redes e relações metonímicas.....	46
4.2 Construção de linguagens territoriais em Transmídia.....	51
<b>5. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>57</b>
5.1 Justificativas.....	57
5.2 Mapeamento de redes.....	62
5.3 Consulta de arquivos.....	63
5.4 Gravação de entrevistas.....	63
5.5 Coleta de dados.....	64
5.6 Edição.....	66
5.7 Transmigração.....	67
5.8 Desenvolvimento.....	67
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*"[...] o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente" (TUAN, 1983, p.171).*

Em nossa irrevogável individualidade existencial, seguimos um percurso próprio e único no lugar. Neste caminhar contínuo, afetamos e somos afetados enquanto formam-se e diluem-se memórias em nós. Nós, eu no plural, também somos nós de redes. Tecemos mesmo sem querer. Parte das reminiscências dos nossos rumos é conscientemente evidente e fácil, enquanto outras moram no abstrato e no profundo. Este projeto prático apresenta um mapeamento de memórias afetivas no bairro das Laranjeiras, localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, em redes de narrativas Transmídia. Este mapa busca estudar e tangibilizar o universo subjetivo por trás da realidade concreta de Laranjeiras a partir da interconexão dos percursos sentimentais de diferentes sujeitos.

Este trabalho é também um estudo prático e dialético das relações entre afeto, lugar e sujeito, de criação de narrativas não-lineares, interdependentes e locativas. Afinal, "cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que, em meios ambientes diferentes, se torna mais ou menos determinante, mais ou menos aceite" (LYNCH, 1982, p. 57). Sobretudo pois, como entenderemos a seguir, a dimensão emotiva é decisiva na experimentação do lugar.

A emergência da cultura digital (Castells, 1999) trouxe consigo novas arquiteturas coletivas: as redes sociais. Tornou-se evidente nas telas dos computadores e dos aparelhos eletrônicos inteligentes a complexidade das nossas formas de relação e logo abriu-se um terreno fértil para o desenvolvimento de outros formatos comunicativos, como a transmidialidade. O Mapa Afetivo de Laranjeiras se apropria desta convergência midiática para ampliar a potência narrativa jornalística com fluxos para além da mídia e para além do objetivo. Ou seja, toma as novas tecnologias de informação e comunicação em uma perspectiva sentimental, considerando os afetos como bases do agir e o lugar como experiência determinante na composição da memória.

Nossa proposta inicial é mapear memórias de diferentes pessoas em Laranjeiras, interconectando-as pelo lugar e pelo afeto e formando assim redes interdependentes em formato Transmídia. Em um primeiro momento, resgataremos as histórias oficiais para entender como o vale das Laranjeiras se tornou um bairro, como este bairro se consolidou política, econômica e culturalmente no Rio de Janeiro e conheceremos as narrativas alternativas que apresentaram longe dos meios de comunicação tradicionais. Em seguida, buscaremos bases objetivas de análise do perfil de Larnajeiras nos dias atuais através de dados sobre sua demografia, cultura, economia, educação e saúde. No quarto capítulo, aprofundaremos o conceito de redes de memórias afetivas, partindo de um estudo sobre as relações entre afeto e lugar e construção de linguagens territoriais com Transmídia.

Finalmente, estabeleceremos etapas de produção deste mapa até novembro de 2017, começando pelas justificativas do trabalho, o mapeamento das redes de pessoas a serem entrevistadas, a consulta de arquivos oficiais, a gravação de entrevistas em áudio e vídeo, o processo de coleta de dados em mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter, a edição do material audiovisual filmado, a transmigração do mapa das plataformas gratuitas QGis e MyMaps para uma base cartográfica elaborada especialmente para o Mapa Afetivo de Laranjeiras e um ensaio do desenvolvimento desta tecnologia.

Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas consultas a jornais comunitários e diferentes fontes histórias com leituras sobre o processo histórico do surgimento e estabelecimento de Laranjeiras. Costurou-se uma análise teórica com a abrangência de diversos campos do conhecimento como a comunicação, a psicologia, a geografia e a história. De Aristóteles a Bauman, o leque de autores, pensadores e poetas mencionados é amplo, assim como as suas contribuições científicas com este tema que foram revisitados e complementados por minhas percepções.

A proposta inicial era contemplar um maior recorte espacial, a cidade inteira do Rio de Janeiro. Contudo, se tornou impossível conciliar o denso trabalho que envolveria com os prazos de entrega. Bem como a intenção de desenvolver uma plataforma online exclusiva para o Mapa Afetivo de Laranjeiras não se concretizou pela pouca capacidade de financiar a elaboração da sua tecnologia. Obstáculos também se colocaram no momento da armazenagem do material gravado, pois seu grande volume e extenso

tamanho se sobrepuseram. Pensei em conseguir um HD externo que compusesse o peso dos arquivos, mas como não havia recurso financeiro para custeá-lo, recorri imediatamente ao armazenamento em nuvem do Google Drive. Por enquanto, quatro entrevistas em vídeo foram gravadas e alguns dados publicados em redes geossociais e imagens de arquivo pessoal foram coletados.

Portanto, este mapa se reivindica um verdadeiro processo colaborativo e inacabado que, a partir de encontros com estes sujeitos dispostos a compartilhar suas subjetividades em entrevistas individuais e audiovisuais associadas a imagens de arquivo pessoais, à coleta e interpretação de informações e emoções geradas espontaneamente nas mídias sociais, tem na interatividade o motor do seu engajamento. "É importante reter o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, ou ambiente físico, como um componente do imaginário social e das paixões que constituem os alicerces das relações sociais" (CASTRO, 1997, p.171). Quem sabe assim não seja possível também ressignificar o bairro das Laranjeiras no imaginário subjetivo de seus cidadãos e dos pedestres que estão acostumados a caminhar por suas ruas?

## **1. Laranjeiras: percursos e prismas**

### **1.1 Do vale ao bairro**

*“O Bairro onde moro  
É um mundo de luzes e cores  
Luzes de alegria  
E cores de amizades  
Há ruas asfaltadas e ruas sem asfaltos  
Mais o morro é muito alto  
Dá para ver o céu de perto  
Dá para ver as estrelas  
Dá para ver a lua  
Que refletem em minha rua  
A dignidade de um povo  
Esperando um ano novo  
Meu bairro é poesia  
De crianças em euforia*

*É um canto onde vivo em descanso*

*Nele existe um lar*

*Onde vivo a morar”*

*(O BAIRRO..., 2009).*

A atribuição de um nome se dá como a formalização e definição linguística da existência, em uma síntese de palavras que identifica e distingue. Portanto, esmiuçar todo o processo de legitimação social e cultural da designação verbal de um bairro é também conhecer as raízes de sua história. Ou seja, compreender as configurações espaço-temporais da proveniência do nome “Laranjeiras” é conhecer a trajetória de vida deste lugar. Partimos, portanto, de um contexto histórico anterior ao seu batismo nominal. Antes de ganhar título, no século XVII, a sua área integrava as prestigiadas terras da Carioca, situadas na bacia hidrográfica do rio Carioca. Após o arrasamento do Morro do Castelo para as comemorações do centenário da Independência brasileira, estas terras foram divididas em sesmarias entre famílias ricas e nobres que haviam se engajado na expulsão dos franceses da Baía de Guanabara.

A Glória e o Catete seguiam um desenvolvimento urbanístico diferente das Laranjeiras. Enquanto as primeiras regiões se adensavam em modestas casas, a última mantinha as dimensões iniciais de suas chácaras vinculadas ao terreno. O vale das Laranjeiras inicia sua transformação mais intensa quando seus sesmeiros comandam a reorganização do território “derrubando matas, abrindo roças e desenvolvendo a indústria cerâmica principalmente na área do Catete” (CAVALCANTI, 1993, p.2). Os seus primeiros moradores “cortaram morros, drenaram as áreas encharcadas e abriram caminhos” (CAVALCANTI, 1993, p.2). E as residências, que eram em sua grande maioria chácaras, foram acopladas a casas senhoriais e receberam muros e portões, mantendo a imagem já privilegiada daquelas famílias. Essa arquitetura exuberante é um fator decisivo para dar o ar aristocrático e grã-fino do lugar que hoje chamamos de Laranjeiras.

Contudo, os historiadores divergem sobre as origens da sua denominação. Para uma vertente, o nome surge da abundância de árvores de laranja na região que era percorrida pelo rio Carioca e composta de sítios e chácaras durante o período em que o

Brasil ainda era colônia de Portugal e o Rio de Janeiro um dos principais pontos de desembarque do Império português.

No século XVIII a Carioca já começa a ser identificada em três zonas distintas: a da Glória, a do Catete (que ia até o Morro da Viúva) e o interior do Vale nomeado Laranjeiras (abrangendo desde o Largo do Machado, inclusive, até a caixa d'água do rio Carioca, na rua Almirante Alexandrino). O nome "Laranjeiras" aparece nos documentos desse século, e o mais antigo que encontramos data de 1780. Maria Graham, inglesa que esteve no Rio de Janeiro em 1821, foi quem criou a versão de que o nome "Laranjeiras" decorria do fato de existirem no local extensos laranjais (CAVALCANTI, 1993, p.2).

No entanto, outra linha de pesquisa adotada por Nireu Cavalcanti entende que não há nexos coerentes nesta associação se partirmos dos critérios utilizados à época para apelidar locais com a palavra "Laranjeiras". Era o título, por exemplo, de uma praia sem nenhum pé de laranja. A sugestão de Cavalcanti é de que a inspiração para nomear o bairro se origine em experiências do outro lado do oceano Atlântico. Mais precisamente, na capital de Portugal, onde

há um bairro chamado Laranjeiras devido a uma antiga quinta com este nome. [...] Como o bairro lisboeta também era, em sua origem, região de chácaras próximas do centro da cidade, pensamos que pode existir aí alguma relação com o batismo do nosso (CAVALCANTI, 1993, p.2).

"A hipótese mais provável é a semelhança entre aquelas terras e o bairro Laranjeiras de Lisboa: ambos ficam perto do centro da cidade e têm colinas que deslizam em direção ao mar" (SILVA & AJUZ, 2008, p.18). Nesta última interpretação, o bairro se intitula a partir de sua relação com o centro da cidade, o local de concentração das atividades econômicas, sociais e políticas. O movimento é portanto metonímico, da parte para o todo.

Com o crescimento de habitantes na área pelos meados do século XVIII, o rio Carioca passava por um intenso processo de poluição no trecho do alto do Cosme Velho até a Praia do Flamengo. O curso de água era utilizado como lavanderia e também destino dos dejetos da população ribeira. Pois "[...] os moradores do Rio, concentrados onde hoje é o centro da cidade, buscavam água potável no rio Carioca" (SILVA & AJUZ, 2008, p. 18). Também aconteciam desabamentos nas margens do rio, e Estrada das Laranjeiras, localizada perto do córrego, sofria seus efeitos.

No final do século XVIII, o território das Laranjeiras (que abrangia o bairro do Cosme Velho) encontrava-se dividido em 17 chácaras, cujos proprietários eram pessoas importantes da sociedade carioca. Entre eles, o tenente-coronel Manuel Ribeiro Guimarães, o comerciante e capitão Antônio José da Silva, o cônego José de Souza Azevedo Pizarro, o capitão José Antônio da Fonseca Lima, João Pinto Gonçalves e o padre José Pires dos Santos. Todos donos de chácaras do lado esquerdo do rio. Do lado oposto, no atual Largo do Machado, a primeira propriedade correspondia aos herdeiros do comerciante Caetano da Costa Coelho. Em seguida, vinham a de Joaquim José Xavier da Silva, a do capitão Antônio Pereira de Lima Velasco, a de André Simões de Lima, a de José da Silveira Gulart, a de Manoel da Cunha Neves e, por fim, a de João da Costa Freitas.

Em seus primórdios, o vale das Laranjeiras compunha uma dinâmica pacata e um ambiente restrito a poucos moradores. Portanto, a oferta de fontes históricas referentes a esse período é reduzida e relativamente menor do que a da época em que o bairro começou a se consolidar no contexto político, econômico e cultural.

## **1.2 Consolidação e relevância política, econômica e cultural**

Da Corte portuguesa ao governo do Estado do Rio de Janeiro, o bairro das Laranjeiras acostumou-se a hospedar os representantes dos nobres poderes. Nos primórdios do século XIX, a aristocracia política escolhia frequentemente o então “vale das Laranjeiras” como residência. Foi assim em 1808 com a princesa Carlota Joaquina, esposa do rei dom João, que elegeu o vale para sua moradia durante a transferência do governo português para o Brasil. A realeza adquiriu neste momento parte da chacara do tenente Antônio José da Silva “que ia da atual Rua do Catete à entrada do Túnel Santa Bárbara” (SILVA & AJUZ, 2008, p.20) e decidiu adaptar o imóvel ao seu gosto, restaurando também a capela vizinha que integraria a Paróquia Igreja Nossa Senhora da Glória.

Da mesma forma, o Campo das Laranjeiras, que hoje corresponde à região entre o Largo do Machado e a rua Soares Cabral, foi dividido em 3 chácaras. A de Lisboa, no ano de 1800, de propriedade do Capitão Tomás José Gusmão, a de Xavier & Mello, em 1802, e a do Roço, em 1808, de propriedade do cônego José de Souza Azevedo Pizarro. Todas vizinhas à casa de Carlota Joaquina e tangentes ao “Caminho das Laranjeiras”,



que hoje chamamos de Rua das Laranjeiras. A demanda da população local por moradia própria e aluguel e a aceleração das construções nos terrenos do lar da rainha estimularam a expansão do vale.

Inicia-se sem demora um movimento de abertura progressiva de ruas perpendiculares ao Caminho das Laranjeiras. Enquanto isso, Carlota Joaquina deixa o Brasil em 1821 sem custear sua propriedade e leiloa seus bens, incluindo lotes da própria chácara, para saldar as dívidas. A segunda rua do bairro, hoje Gago Coutinho, é desobstruída em 1837 pelo comerciante Domingos Carvalho de Sá, depois de comprar a chácara que pertencera a Joaquim J. X. da Silva. Já a atual rua Pereira da Silva foi a terceira rua aberta, em 1840, após a venda de vários lotes do filho do capitão Antônio Velasco. Inclusive, poucos anos antes, alguns moradores da região se reuniram na casa da família Velasco, onde funciona o atual Convento Nossa Senhora do Cenáculo, para solicitar ao poder público a criação da Freguesia de São José.

O comércio de Laranjeiras, antes restrito à região do Largo do Machado e ao começo da rua das Laranjeiras, começa a adentrar esta rua e segue até perto da rua Almirante Salgado, concentrando-se basicamente no lado par, onde atualmente encontra-se a Hebraica. Estabelecimentos industriais proliferam no bairro a partir da instalação de uma fábrica de fogos de artifício na altura da rua Soares Cabral. Esta fábrica de propriedade do português Antônio José Martins de Moura ganha o nome "beco do fogueteiro". No entanto, moradores da vizinhança acabam por solicitar, no ano de 1860, o fechamento da fábrica, cujo dono já era outro: José Moreira da Cunha Rego. A Câmara Municipal acata o pedido dos moradores e fecha o estabelecimento no ano seguinte.

Na esquina da rua Pinheiro Machado com a rua das Laranjeiras, no alto do Morro da Graça, onde está o atual condomínio Parque das Laranjeiras, funcionava um dos abrigos de inúmeros aristocratas e notáveis famílias do bairro. O primeiro empreendimento levantado sobre esta terra foi a Chácara do Roço. Nos meados do século XIX, o terreno da chácara era envolvido por grandes vales repletos de árvores e gramados, em um cenário estético bem diferente do que conhecemos atualmente.

Logo em 1853 inicia-se um processo de desenvolvimento urbano no arredores do Morro da Graça sob as decisões das prestigiosas famílias que ali habitavam. São abertas ainda neste ano a rua Guanabara, antigo caminho de servidão às terras dos

fundos da chácara e atual rua Pinheiro Machado, a rua do Roso, atual rua Coelho Neto, e a rua Santa Teresa da Glória, atual rua Paissandu. Dois anos depois, é aberta a rua Ipiranga e em 1858, parte das terras dos Rosos é alugada para o português naturalizado brasileiro Manuel Fernandes da Cunha Graça. Graça atuava nos campos nobres da educação e se incorporava, a partir desta data, ao rol de renomados inquilinos da região. O professor que publicara já há uma década o *Compêndio de Grammatica latina*, lecionava latim e ocupava a diretoria do importante Lyceu Commercial. Com a sua mudança, o estabelecimento de ensino é transferido para o antigo sobrado da família Roso, que é reformado e adaptado para receber a sede.

De fato, as intervenções estruturais de Graça transformaram a infraestrutura do imóvel, que se tornou, de acordo com um estudo em vídeo do museólogo Cau Barata, e os jornais cariocas da época, “inquestionavelmente a melhor dos subúrbios do Rio de Janeiro, oferecendo ares muito puros, uma lindíssima perspectiva, e completa independência de vizinhos”. Nesse período, o Lyceu Commercial oferecia o ensino das “primeiras letras e todos os estudos preparatórios para o commercio e academias”, desempenhando uma função que hoje poderia ser comparada à de colégios do ensino básico e de cursos pré-vestibular.

O professor arrematou em leilão, no ano de 1867, o restante dos terrenos pertencentes a Maria de Castro Rozo Baião, neta de Leonor Roso, e dividiu a propriedade colonial em lotes menores duas décadas depois. Dentre estes, o número 36-III foi escolhido como morada da sua família a partir de 1878, quando Graça afastou-se definitivamente de suas funções no colégio. No fim do século XIX, a região da antiga Chácara do Rozo finalmente seria chamada de Morro da Graça.

A movimentação social provocada pelos empreendimentos de Manuel Fernandes da Cunha Graça, a partir de suas aquisições na área da antiga Chácara do Rozo, concedeu à colina o seu nome conhecido popularmente. De acordo com o museólogo Cau Barata, o protagonismo do Morro da Graça foi da família Roso entre 1808 e 1858 e da família Graça entre 1858 e 1897, com a construção do Lyceu Commercial. Em seguida, após a mudança de Manuel Graça para o pé do outeiro da Glória, o recém-inquilino da residência, Domingos B. Pacheco, ordenou no local a edificação de um novo palacete projetado pelo Mestre de Obras Antonio Alves da Silva Junior.

Já na área da atual rua General Glicério e adjacências, em 1872, os Srs. Francisco de Sá Nogueira, José Duarte da Fonseca Silva e Miguel Couto dos Santos, sócios da Companhia Econômica de Lavanderia a Vapor, instalam uma lavanderia de grande porte. Mas, oito anos depois, a firma muda de mãos e de ramo, passando a ser uma indústria de fiação, tecidos e tinturaria chamada Aliança. Os portugueses José Augusto Laranja, Joaquim Carvalho de Oliveira e Silva e o inglês Henrique Whittaker se tornam seus novos proprietários. Este último, dois anos depois, retirou-se da firma. Estes são os primeiros passos da famosa Fábrica Aliança, que veio a ser uma das mais importantes do ramo industrial no Rio de Janeiro. A ponto de transformar a composição sociocultural da população do bairro e, conseqüentemente, sua arquitetura e seu urbanismo. De fato, são construídas neste momento muitas casas pequenas de porta-e-janela, além das vilas que se espalharam pelo bairro, construídas pela própria fábrica.

O comércio cresce e se diversifica. A presença de operários portugueses, italianos e brasileiros proporciona um ambiente mais coletivo e popular. A Fábrica Aliança oferecia atividades culturais e de lazer através do clube, do cinema e do teatro, além de escolas para os filhos de seus empregados. Indústrias como esta

levaram à formação, nas suas proximidades, de núcleos de população operária, que habitavam vilas construídas pelas próprias empresas, ou cortiços, geralmente improvisados como segunda fonte de renda pelos imigrantes, no mais das vezes portugueses, donos de armazéns. Vieram também outros trabalhadores, em busca de habitações modestas, cujo aluguel era baixo, e o encontravam nas vilas e cortiços ali existentes. Foram esses pobres que enriqueceram estes bairros com novas expressões culturais, populares, trazendo uma vida social mais coletiva (MEIRELLES, 2014).

O aristocrático bairro de Laranjeiras passa a ser também operário, sem que existissem conflitos entre suas diversas classes sociais, segundo depoimento de antigos trabalhadores e pessoas da elite do bairro, hoje ainda vivos. Afinal, graças à sua localização, a fábrica não perturbava o perfil residencial do local.

Ao findar o século XIX, já estavam abertas, além daquelas três primeiras ruas, mais 23: Ipiranga, Pinheiro Machado, Álvaro Chaves, Soares Cabral, Ribeiro de Almeida, Leite Leal, Sebastião de Lacerda, Alice, Mário Portela, Cardoso Junior, General Glicério (apenas a parte inicial), Eugênio Hussak, São Salvador, praça São Salvador, Conde de Baependi, Senador Corrêa, Esteves Júnior, Paissandu, Coelho Neto, Marquesa de Santos, Moura Brasil, Paulo César de Andrade e Martins Ribeiro (CAVALCANTI, 1993, p.3).

O território permanece ocupado por moradores ilustres com a chegada do Senador José Gomes Pinheiro Machado. O político gaúcho formado em Ciências Jurídicas e Sociais vem para o Rio logo após a implantação da República para participar do Congresso Constituinte de 1890 e 1891. Líder do Partido Republicano Conservador, Pinheiro Machado volta ao sul em decorrência da Revolução Federalista para combater pelo movimento armado da Divisão Norte. Alguns anos depois, o militar retorna ao Rio de Janeiro para retomar sua função no Senado e residir no palacete da rua Guanabara, tão frequentado pela aristocracia política brasileira. Portanto, a circulação de pessoas no Morro da Graça era regular e constituída de senadores, deputados, juízes, empresários e candidatos a cargos públicos. O local era ponto de encontro e tomada de relevantes decisões sobre os rumos políticos e econômicos do país. Os bajuladores dessas figuras políticas, que subiam regularmente a ladeira da Graça, foram inclusive objeto de músicas como *No Bico da Chaleira*, do maestro João José da Costa Júnior, e sucesso do Carnaval de 1909.

As grandes transformações urbanas do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do atual eram justificadas por governantes, intelectuais e empresários como uma necessária adequação da cidade aos tempos modernos. O sonho de todas essas figuras públicas era sanear a cidade, equipá-la e embelezá-la segundo estéticas inspiradas nas capitais europeias. O prefeito Pereira Passos, o que mais contribuiu para essa reforma urbanística, era morador de Laranjeiras e planejou para o bairro grandes obras, como a canalização do rio Carioca em galerias subterrâneas, a urbanização da praça São Salvador, a arborização das ruas e a pavimentação a asfalto de várias ruas. Com essas obras, o ar bucólico da rua das Laranjeiras - com o rio correndo a céu aberto, embora canalizado e interceptado por pitorescas pontes - foi eliminado, restando apenas a beleza individual das casas particulares circundadas por seus jardins. Isto até que se iniciasse a sua derrubada para a construção de edifícios de vários andares, símbolos da cidade moderna.

Embora situada entre o centro e a zona sul, Laranjeiras era protegida do tráfego gerado entre estas duas zonas por causa das montanhas que cercavam a sua área. Essa peculiaridade, que lhe garantia apenas um pequeno tráfego interno, começou a sumir com a abertura do primeiro túnel da cidade, em 1887, no alto da rua Alice e em seguida, com a realização do corte do Morro Novo Mundo ligando a rua Pinheiro Machado à rua

Farani. O bairro começa a perder sua característica de "fim de linha", que o da Urca ainda conserva.

A vitória do marechal Hermes da Fonseca nas eleições presidenciais de 1910 lança a figura de Pinheiro Machado nacionalmente. Contudo, as influentes oligarquias paulista e mineira decidem apoiar Venceslau Brás e frustram as expectativas do senador gaúcho para o cargo executivo. O célebre habitante do palacete do Morro da Graça é assassinado em setembro de 1915 por Francisco Manso de Paiva Coimbra. Em sua homenagem a rua Guanabara ganha um novo nome: rua Pinheiro Machado, como a conhecemos nos dias atuais.

A Companhia Sul América realizou no bairro o primeiro empreendimento imobiliário de grande porte, abrindo a rua Pires de Almeida e construindo 23 edifícios. O projeto é de 1927 e as obras são concluídas três anos depois. Para a empresa, o empreendimento foi compensador, pois todos os apartamentos foram alugados. Um exemplo de que o início do século XX é um prelúdio de grandes mudanças socioeconômicas não só para o bairro das Laranjeiras, mas para a cidade do Rio de Janeiro.

Entrementes, o Morro da Graça é ocupado em 1936 pela Ordem das Freiras do Sagrado Coração. Assim, o palacete que ali existia torna-se, neste mesmo ano, sede do colégio Sacré-Cœur de Jésus, uma ilustre instituição francesa de ensino de garotas da elite. Para receber a nova sede do colégio, são acrescentados alguns andares ao que restava da antiga chácara de Manoel Fernandes da Cunha Graça e é construído um prédio projetado pelo arquiteto Salvador Duque Estrada Batalha. As duas décadas de intervalo entre a morte do senador Pinheiro Machado e a abertura da instituição de ensino religiosa são alvo de pesquisas históricas não conclusivas sobre a função do edifício durante o período.

Já em 1939, inicia-se o processo de desativação da Fábrica Alliança e seus proprietários projetam para o futuro deste terreno um grande loteamento, de cujo projeto foi autor o arquiteto paulista Washington de Azevedo. O loteamento, contemporâneo do "Jardim Guanabara", na Ilha do Governador, é chamado de "Jardim Laranjeiras". Todavia, o momento não era propício para lançamentos imobiliários de grande porte como este, pois estávamos às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Então, o loteamento Jardim Laranjeiras é relançado em 1945, logo após o fim da guerra, com

alteração do projeto original na altura da atual rua General Glicério e a adição de edifícios e de um túnel ligando essa rua à Bambina, em Botafogo. Esta construção provoca um grande impacto urbanístico no bairro, como a abertura de 10 novas ruas, com cerca de 360 lotes e 12 terrenos para edifícios de 12 andares.

O Colégio *Sacré-Cœur de Jésus* encerra suas atividades em 1969, 33 anos após sua inauguração, e é vendido por suas administradoras francesas. Uma importante empresa de engenharia adota o edifício como escritório até a concepção do condomínio residencial Parque Laranjeiras na primeira década do século XXI.

Outro arquiteto atuante na área, Jannuzzi estruturou as habitações de várias famílias, Viscondes e Condes membros da monarquia carioca. Foram construídos diversos prédios de sua autoria projetual na rua Barão do Flamengo e na rua Conde de Bapendy (atual Conde de Baependi). Também foram levantadas algumas casas na rua do Catete, na rua Bento Lisboa e na rua Pereira da Silva, além de alguns palacetes na praia do Flamengo e na rua das Laranjeiras.

Em contramão aos projetos de pequeno porte de Jannuzzi, o terceiro grande empreendimento imobiliário do bairro é realizado pela família Guinle, grande proprietária de imóveis em Laranjeiras no século XX. Entre os quais o Palácio Laranjeiras, hoje bem público, circundado por um imenso terreno. Em parte desse terreno é aberto um loteamento projetado pelo arquiteto Lúcio Costa, autor do Plano de Brasília. Desse arquiteto são também os três primeiros prédios do mesmo loteamento, o último edifício tendo sido projetado por M. M. Roberto Arquitetos.

São três exemplos de intervenções modernas em Laranjeiras que, embora tenham alterado sua ambiência, não provocaram a sua degradação. A qualidade arquitetônica e urbanística desses três empreendimentos assegurou-lhes posteriormente o seu tombamento. O mesmo não se pode dizer das obras realizadas pelo poder público, como o túnel Santa Bárbara (1963), o viaduto Noronha Santos (1965), o túnel Rebouças (1965) e, recentemente, a obra da "via paralela", que destruiu parte da rua Moura Brasil, derrubou vilas e acresceu mais um viaduto ao bairro. São obras rodoviárias que, segundo o arquiteto Nireu Cavalcanti, descaracterizaram os bairros de Laranjeiras e Cosme Velho, tornando-os de passagem, mais barulhentos e poluídos. Não menos danosas foram as sucessivas legislações urbanísticas que, desrespeitando as características ambientais e o patrimônio arquitetônico de Laranjeiras e Cosme Velho,

incentivaram a verticalização das edificações e a ganância dos especuladores imobiliários.

Casas também foram derrubadas e seus jardins destruídos para, em seu lugar, se erguerem altos edifícios desarmoniosos com a paisagem urbanística, formando verdadeiras muralhas de concreto, prejudicando a circulação dos ventos e tapando a vista dos morros e das matas do antigo vale das Laranjeiras. Em decorrência dessa verticalização, a população aumentou tanto no bairro que, para cada morador, há apenas 0,40m<sup>2</sup> de área livre nas suas praças e no Parque Guinle, quando o mínimo deveria ser 12m<sup>2</sup> por pessoa segundo o sugerido pela ONU.

Como vimos, o bairro começa a ser ocupado pela importante e rica família do Ouvidor Cristóvão Monteiro. Ao longo dos séculos, muitas outras famílias importantes deram ao bairro a fama de ser um recanto de aristocratas da cidade do Rio de Janeiro, como a dos Lisboa, Velasco, Roxo, Torre, Frontin, Pereira Passos, Teixeira de Freitas, Moura Brasil, e tantas outras de nobres (aqui viveram a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, no atual Palácio Guanabara, e a filha de Pedro I e da Marquesa de Santos: a Condessa de Iguazu), comerciantes, profissionais liberais, militares graduados (General Andréa, Beaurepaire Rohan, Almirante Delamarre, etc.) e políticos. Ficaram famosos também os saraus, os bailes nas mansões como a da Condessa de Haritoff ou os concertos no Clube Laranjeiras, em que vinham tocar músicos reconhecidos como Alberto Nepomuceno.

Alguns dos antigos palacetes sobreviveram à fúria da especulação imobiliária, como o Palácio da Guanabara (residência da Princesa Isabel), o Asilo João Alves Affonso (residência do Barão de Macaúbas), a casa da família Modesto Leal (residência de Raimundo Roxo). Permaneceu também o belo conjunto arquitetônico construído para fins de aluguel pelo rico comerciante Antônio de Oliveira Leite Leal, chamado hoje "Casas Casadas".

Em Laranjeiras e Cosme Velho também nasceram ou viveram intelectuais e artistas importantes da cultura brasileira como Lima Barreto e Villa-Lobos (que nasceram na rua Ipiranga), Machado de Assis, Coelho Neto, Max Fleiuss, Marco Carneiro de Mendonça, Marcos Rebelo, João Manuel Pereira da Silva, José Antonio Lisboa, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Sobral Pinto, Múcio Leão, Lúcio Albuquerque, Lysia e Nilo Bernardes, Paulina D'Ambrósio, Augusto Rodrigues, Noel Netels, Silva Melo, Barão Homem de Melo, Cecília Meireles, Eugênio Gudín, Andrade

Murici, Henrique Nienberg, Osvaldo Aranha, Dr. Fernando Magalhães e muitos outros. Entretanto, para conhecer quem são as Laranjeiras do dia a dia, é fundamental ler a sua história com lentes para além dos holofotes, dos palanques, das academias e do capital.

### **2.3 Contradições e narrativas alternativas**

Ao nos depararmos com os livros, vídeos, áudios e textos da chamada história oficial de Laranjeiras, sentimos uma grande ausência: a das perspectivas contra-hegemônicas, das pessoas não relevantes no olhar de quem costuma sustentar a memória. Os figurantes deste palco aristocrático e grã-fino que, até hoje, são atores fundamentais do cotidiano do bairro. Ou seja, as vivências ignoradas pelos órgãos e institutos oficiais, que explicam, por exemplo, o nascimento e desenvolvimento do Morro da Vila Pereira da Silva, favela do Pereirão situada no topo do alto da rua Pereira da Silva. Esta favela se desenvolve justamente a partir da primeira ocupação do local em que existiu uma antiga fazenda no início do século XIX e cresce a partir do lote 826 da rua Pereira da Silva. O Pereirão encontra um crescimento populacional exponencial na segunda metade do século XX, passando de apenas quatro famílias em 1945 para mais de dois mil moradores atualmente habitantes das mais de 400 casas espalhadas por cerca de 50 mil m<sup>2</sup>.

Longe das edições comemorativas e acostumados a estampar as páginas policiais dos jornais cariocas, esses milhares de moradores do Pereirão decidiram criar seus próprios canais de comunicação, como os do projeto Morrinho, criado em 1997, e a página da Associação de Moradores e Amigos da Vila Pereira da Silva no Facebook, em 2014.

No caso da Internet, por suas características ela se apresenta como ferramenta adequada aos meios de comunicação comunitária considerando-se que facilita o exercício da democracia pelas comunidades, não só no sentido social, mas na política e na cultura; promove o extenso intercâmbio de culturas e experiências entre grupos sociais diferentes e serve como forma de representação social e digital de comunidades muitas vezes consideradas socialmente excluídas. (SILVA, 2011, p.7)

Estes novos emissores encontraram, portanto, nestas plataformas, uma alternativa simbólica e discursiva às referências adotadas por veículos da mídia tradicional, como o jornal *O Dia*.



### **Figura 1 – Manchete de notícia de jornal sobre operação na favela Pereirão**

29.11.2012 às 16h00 > Atualizado em 29.11.2012 às 16h40

## **Suspeitos de tráfico são capturados em favela de Laranjeiras**

Os canais criados por moradores do próprio local colocaram em evidência a diversidade de interpretações e posições do sujeito em fatos relacionados não apenas ao Pereirão, mas principalmente ao campo léxico da violência tão associada às regiões periféricas da cidade. Vocabulário que se caracteriza em duas dimensões principais, a “objetiva”, e a “subjativa”: a criminalidade, a violência e os seus desdobramentos no imaginário coletivo. “A crítica à ação policial é explícita e demonstra que o controle social também é controle do discurso: a utilização do poder da instituição da ordem se dá como tentativa de silenciamento dos moradores” (SILVA, 2015, p.197).

Essas narrativas voltadas ao mundo externo às favelas são potencializadas pelo uso dos *smartphones*, celulares inteligentes, que se consolidaram como o principal meio para acessar a internet no Brasil, mais precisamente para 69% de brasileiros de acordo com uma pesquisa nacional da Fecomércio-RJ. Assim, a diversidade de vozes que não eram escutadas antes da democratização da Internet pela expansão das redes de telefonia móvel, pôde se fazer ouvir. Os ouvintes de rádio, os telespectadores televisivos e os leitores de jornais e revistas se tornaram também produtores de conteúdo. De fato, eles superaram a passividade da simples recepção informativa para alcançarem um protagonismo ativo de busca, interação e criação nos terrenos virtuais. Se tornou possível ecoar um cotidiano até então desconhecido para quem vivia fora e nunca havia visitado esses territórios. Desde um convite para a missa de sétimo dia de um ex-morador até um vídeo de cobertura de um mutirão de grafite nos corrimãos e muros da favela.

**Figura 2 – Publicação no Facebook sobre bastidores de mutirão de grafite no Pereirão**



“A apropriação desse instrumento de voz representado pelas novas tecnologias em associação com o precário e refugo permite pluralizar ideias através de canais como o *YouTube* onde os micro-curtas estão disponíveis para apreciação de forma gratuita divulgando o trabalho dos meninos e apresentando a comunidade a partir de um outro olhar, o dela própria” (SILVA, 2015, p.197). Um olhar que representa em si mesmo a pluralidade de mais olhares como o do Jorge Luis de Barros dos Santos, presidente da Associação de Moradores e Amigos da Vila Pereira da Silva. Segundo Jorge, se “[...] tinha a liberdade de brincar até a madrugada, subir correndo, jogar futebol até dez horas, soltar pipa.” “Tenho algumas memórias daqui que são meio chatas também. Já teve época que foi muito perigoso aqui. Tinha muito tiroteio”, acrescenta. É possível vislumbrar a simplicidade das descrições situacionais feitas pelo presidente da AMAVPS em palavras que transparecem a sensibilidade que reivindicamos nos processos comunicacionais.

Os editoriais do site e da página Bairro das Laranjeiras também apresentam outro conjunto de percepções do território, em diferente formatação. Não apenas pela escolha gramatical de suas palavras, como também pelas lentes materializadas em suas imagens e o funcionamento das suas interfaces de comunicação. No site, as notícias semanais são redigidas com palavras de fácil compreensão e construções sintáticas objetivas e simples, além de integrarem fotos de qualidade amadora e próximas à realidade material e instantânea dos espaços públicos e comerciais do bairro. Dando, desse modo, a impressão de que foram registradas pelas mãos de um transeunte. O “Mural do Bairro” abre espaço para que cada visitante do portal *online* envie seu artigo e ofereça seus serviços, e a seção “Festas e Eventos” lista o calendário de atividades programadas nas diferentes espacialidades do bairro. É reservado também um espaço de apresentação da Associação de Moradores e Amigos de Laranjeiras, a AMAL, em que Gilson Nazareth, seu Diretor de Comunicação, conta um pouco da história de criação da principal instância de diálogo dos moradores do bairro com o poder público. Ao mesmo tempo, a página Bairro Das Laranjeiras no Facebook adota um ritmo mais dinâmico e próprio desta mídia social, não apenas pela publicação de informativos sobre a inauguração de lojas como a OKPet e a abertura de espaços de convivência como a Vila do Largo, mas também de cliques fotográficos do “13º andar, de algum lugar do Bairro das Laranjeiras” ou das flores apelidadas de “Trombetas ao vento” na rua General Glicério. Parte do conteúdo é enviada pelos próprios usuários e seguidores do canal.

Outro nó de redes sociais, ponto de encontro de pessoas, data convergente na agenda comum, e afeto presente nas memórias resgatadas e entrevistadas para o Mapa Afetivo de Laranjeiras é o Carnaval. Bairro que recebe blocos de rua tradicionais como o familiar Gigantes da Lira, o temático Imprensa Que Eu Gamo e os clássicos Bagunça Meu Coreto, Cardosão e Volta, Alice. Este é um lugar que se relaciona de forma profunda com o fenômeno sociocultural. Afinal, o Carnaval acontece justamente nas e por causa das praças e ruas, assim como grande parte das memórias afetivas que se geram em cada sujeito que participa e influencia os grupos de foliões. Estas agremiações não-oficiais concebem suas narrativas quase sempre nos mesmos canais digitais da AMAL e do Projeto Morrinho: uma página no Facebook e um site. Mas também contam com um perfil no Twitter, que em geral é utilizado para replicar as

informações produzidas em outros canais, e pontos de geolocalização próprios no Instagram.

**Figura 3 – Imagens coloridas e georeferenciadas de blocos de rua no Carnaval**



De fato, o território compõe na memória uma musicalidade particular, que por sua vez encarna os típicos sons do passear pelo ambiente urbano, das marchinhas e de canções que se referem objetiva e subjetivamente à sua geografia. Por exemplo, as memórias afetivas de Nando Reis junto à sua amiga Cássia Eller, em Laranjeiras, são compartilhadas na letra da música *All Star*, de autoria de Nando com José Fernando Gomes dos Reis e de célebre interpretação de Cássia. “Estranho é pensar que o bairro das Laranjeiras/Satisfeito sorri quando chego ali/E entro no elevador/Aperto o 12 que é o seu andar/Não vejo a hora de te encontrar/E continuar aquela conversa/Que não terminamos ontem/Ficou pra hoje” (NANDO REIS, 2000). Salvas na memória auditiva dos cariocas, estas palavras estamparam um muro em frente ao Viaduto Engenheiro Noronha, na esquina da rua Pinheiro Machado com a rua das Laranjeiras, e se materializaram em uma forma de metalinguagem.

**Figura 4 – Mural em Laranjeiras com versos da canção All Star**



A análise das múltiplas vozes que descrevem, narram, relatam, vivem e ressignificam dia-a-dia o bairro das Laranjeiras comprova que sua nobreza tão caracterizada outrora não é mais dominante, hoje, nos perfis sociais do território. De fato, este conjunto de comportamentos que a sociedade espera por parte de um indivíduo que desempenha uma determinada função dentro de um grupo ou que tenha um certo estatuto está submetido aos múltiplos códigos culturais e linguísticos do momento.

Definindo papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas (Goffman, 2009, p.24).

Se o papel é socialmente definido e múltiplo, seria mesmo improvável e irônico que a fidalguia de Laranjeiras mantivesse sua supremacia de forma paralela às transformações mundiais, nacionais e estaduais que se alastraram cada vez mais rápido a partir do século XX. Já que a aristocracia se define por um pequeno grupo de pessoas com poder de riqueza ou popularidade sobre as outras e uma “magistratura composta de pessoas de bem sem restrição e não a essas boas pessoas em que toda a retidão se limita ao patriotismo” (ARISTÓTELES, 1998, p. 112). Portanto, para entender com base

concreta a partir do quê, porquê e como o tecido social do bairro das Laranjeiras seguiu se costurando, analisaremos os números e dados das pesquisas mais recentes publicadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e pelo IPP (Instituto Pereira Passos) do estudo Bairros Cariocas.

### 3. Laranjeiras em números

*“Quando dou conta já sou  
Um número, uma percentagem  
O indicador, sem remorsos  
Acusa-me de ser miragem  
Mas os dados da estatística  
Abonam a meu favor  
99% de mim é genuína  
1% é sabotagem.”  
Maria Fernanda Reis Esteves*

Segundo Rao (1997), o objetivo da Estatística é analisar os dados disponíveis e que estão sujeitos a um certo grau de incerteza no planejamento e obtenção de resultados. O conhecimento útil, aproveitado para qualquer fim seguinte, seria resultado da soma do conhecimento incerto ao conhecimento sobre a incerteza. Apesar dos números se limitarem ao exato, que não é exatamente o teor adotado por este mapa, seu esmiuçamento é extremamente importante para o estudo científico e para a criação de bases sólidas. Ou seja, sabe-se que a pesquisa geográfica é definida por escopos sócio-políticos, raramente conscientes, sobre as diferentes realidades materiais e subjetivas que vivem no e transformam o espaço. Afinal, “o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 1988, p.30). Estando cientes desta insuperável insuficiência, escolhemos diferentes fontes de pesquisa sobre o bairro das Laranjeiras, em uma tentativa de contemplar a diversidade de percepções sobre a demografia, a cultura, a economia, a educação e a saúde do bairro.



### 3.1 Demografia e cultura

Em 2010, a população de Laranjeiras era composta por 45.554 moradores, correspondentes a 7,2% da população total da cidade do Rio de Janeiro e à 39ª posição na lista de todos os bairros do município. Laranjeiras contava neste ano com 20.268 domicílios, equivalentes a 8,4% do total da capital fluminense, e distribuídos por 2,49 km<sup>2</sup> da área territorial (2014). Área que por sua vez corresponde a 0,2% dos 1.224,56 km<sup>2</sup> do Rio de Janeiro. Ou seja, é evidente que a concentração populacional pelo seu espaço é forte e, quando revisitamos as suas evoluções ao longo das últimas décadas, percebemos que essa aglutinação de pessoas foi facilitada a partir da urbanização e verticalização do bairro, repleto de prédios com apartamentos que foram se adensando a partir do século XX.

Em um parâmetro de comparação entre a parte, o bairro das Laranjeiras, e o todo, a cidade do Rio de Janeiro, partimos de uma área 63% urbanizada dentro de uma circunscrição municipal 46,44% urbanizada. A aglomeração de habitantes, a densidade demográfica, a ocupação dos cidadãos em atividades secundárias e terciárias e a diversidade das funções econômicas são fenômenos sócio-espaciais que descrevem estas evoluções do cenário urbano. Os dados mais recentes indicam que a densidade é de 18.269 habitantes por km<sup>2</sup> em Laranjeiras, enquanto na capital fluminense este número é de 5.249 habitantes por km<sup>2</sup>. Não à toa, com o pouco espaço de circulação e acesso a um ângulo de visão mais alto, moradores de Laranjeiras como a Flavia Brêtas cultivam o hábito de olhar o cotidiano do bairro por suas janelas: “a gente via tudo pela janela, se tinha movimento, se não tinha, ouvia briga, ouvia tudo, a janela era o termômetro do Varandas”<sup>1</sup>. A referência ao Varandas também é comum, já que o restaurante que funcionava 24 horas por dia na rua das Laranjeiras, em frente à rua General Glicério, congregava a vizinhança e os pedestres que passeavam pelos arredores. O estabelecimento fechou em 2015.

---

<sup>1</sup> Trecho da entrevista concedida à autora no dia 04 de novembro de 2017

**Figura 5 – Casal de amigos com instrumentos no restaurante Varandas**



Quando aprofundamos nossos olhares sobre quem mora em Laranjeiras para entender melhor as suas micro-identidades urbanas, percebemos que 20.049 (44%) são homens, que por sua vez correspondem a 6,8% da população masculina carioca, ao passo que 25.505 (56%) são mulheres, equivalentes a 7,6% das moradoras da cidade. Enquanto a média geral é de 2,41 moradores por domicílio. Esta lente sobre os gêneros indica que a amostra populacional do bairro envolve uma proporção maior de mulheres, de 56% do total, se comparada ao total do município, já que 53,27% dos cariocas são do sexo feminino.

O que se percebe nas ruas, esquinas e praças de Laranjeiras é corroborado nas pesquisas sobre seus grupos de idade. O território é composto majoritariamente por jovens de 25 a 29 anos, que representam 8,8% dos moradores, seguidos pelos jovens adultos com idade entre 30 e 34 anos (8,2%) e pelos adultos de 45 a 49 anos (8%). E a ordem decrescente de faixas etárias continua com os 7,4% dos que têm entre 50 e 54 anos, 7,1% entre 35 e 39 anos, 7% entre 55 e 59 anos, 6,8% entre 40 e 44 anos, 6,5% entre 20 e 24 anos, 5,9% entre 60 e 64 anos, 5,3% têm 80 anos ou mais, 5% entre 15 e 19 anos, 4,45% entre 10 e 14 anos, 4,43% entre 65 e 69 anos, 4% entre 70 e 74 anos, 3,85% tem entre 5 e 9 anos, 3,8% entre 0 e 4 anos até os 3,4% com idade entre 75 e 79 anos. Nota-se que a maior faixa etária é justamente a correspondente à idade de entrada



no mercado de trabalho, e a menor é de pessoas da terceira idade, do intervalo entre 75 e 79 anos. Percepção que é também condizente com o que observamos nos grupos de idade dos habitantes do Rio de Janeiro.

De fato, percebe-se uma distribuição proporcional, já que 5,8% dos cariocas estão na faixa etária de 0 a 4 anos, 6,3% na de 5 a 9 anos, 7,4% na de 10 a 14 anos, 7,3% na de 15 a 19 anos, 8% na de 20 a 24 anos, 8,7% na de 25 a 29 anos, 8,3% na de 30 a 34 anos, 7,4% na de 35 a 39 anos, 6,9% na de 40 a 44 anos, 6,9% na de 45 a 49 anos, 6,5% na de 50 a 54 anos, 5,5% na de 55 a 59 anos, 4,4% na de 60 a 64 anos, 3,3% na de 65 a 69 anos, 2,7% na de 70 a 74 anos, 2% na de 75 a 79 anos e 2,5% têm 80 anos ou mais. As pirâmides etárias do bairro das Laranjeiras e da cidade do Rio de Janeiro apontam um perfil adulto e uma tendência de estabilização no crescimento populacional.

Com o espaço bem tomado pelas paisagens urbanísticas tradicionais, das ruas asfaltadas e arborizadas, dos prédios de média altura, da sinalização de trânsito e dos parques e canteiros, Laranjeiras também preserva, em sua área, 23% de floresta ombrófila densa, 8% de vegetação arbórea não florestal, 3% de afloramento rochoso, 2,6% de reflorestamento e 0,4% de vegetação gramíneo-lenhosa. Estes diferentes ecossistemas característicos de uma região de mata atlântica provavelmente passaram por processos físicos como o desgaste e a erosão dos solos e das estratificações ao longo do tempo, e hoje proporcionam mais qualidade no ar, frequência de chuvas durante todo ano e um contato mais próximo dos moradores com a natureza.

Se é possível pactuar que “as cidades são artefatos e mundos do artifício situados em distâncias variáveis entre a condição humana e a natureza” (TUAN, 1978, p.5) e que nossas fontes de sobrevivência alimentar incluem os solos e a terra, é impreterível considerar nossos modos de produção por trás de um cenário urbano menos ou mais verde. Adotemos o campo léxico do *design* para visualizar as fotografias dos espaços com o auxílio de uma paleta de cores. A presença de folhas e raízes não apenas denota conservação ambiental diante da pavimentação dos terrenos, como traduz os vestígios de nossas relações com a agricultura. Prática milenar que assume sua versão adaptada à cidade pelo cultivo de hortas urbanas como a Horta da General, situada na rua General Glicério, e a Horta Comunitária do Cosme Velho, situada na Praça São Judas Tadeu, no limite entre os bairros das Laranjeiras e do Cosme Velho.

**Figura 6 – Mosaico de capturas de fotos na Horta da General publicadas no Instagram**



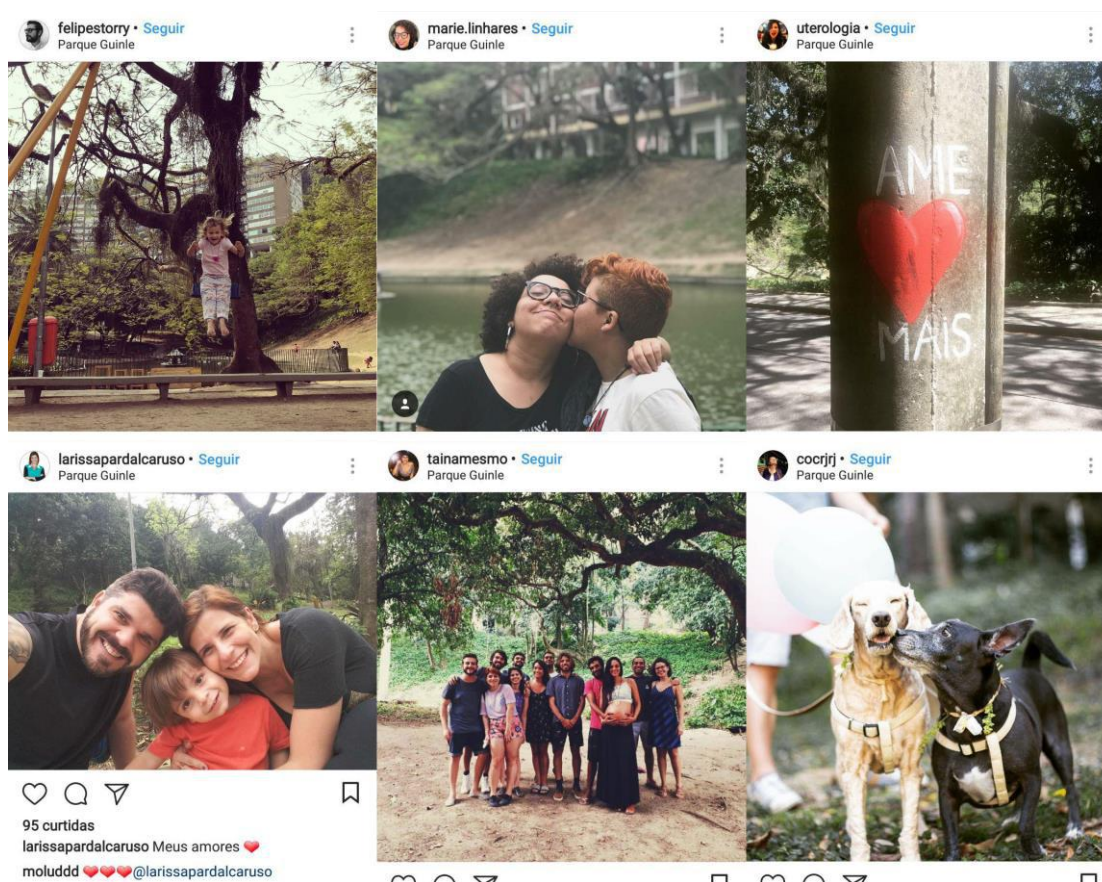
Neste sentido, as Unidades de Conservação de Laranjeiras, áreas naturais passíveis de proteção por suas características especiais, ocupam um total de 814.733,09m<sup>2</sup>, dos quais 93% são de APAs (Áreas de Proteção Ambiental), e 7% são de



Parques e Praças, que por sua vez ocupam uma área per capita de 3,77m<sup>2</sup> por habitante. No Rio, os Parques representam 39,19% e as APAs 60,51% das Unidades de Conservação, que são completadas também com APARUs e Reservas.

Projetado por Lucio Costa e construído em meados do século XX, o Parque Guinle se apresenta como o principal parque do bairro ao abarcar 24.750m<sup>2</sup>, cerca de dois campos e meio de futebol. Estes “espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei” (art. 1º, I) acabam desempenhando sobretudo o perfil de nós de redes de memórias afetivas. Na verdade, “o tempo nos parques é íntimo, inadiável, imparticipante, imarcescível” (MORAES, 1960, p.123).

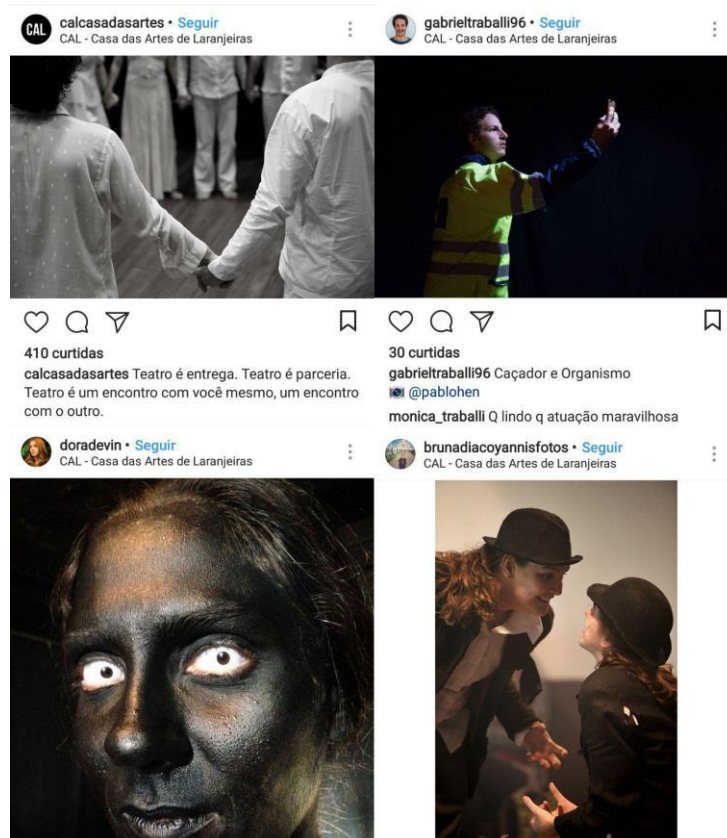
**Figura 7 – Mosaico de capturas de fotos no Parque Guinle publicadas no Instagram**



Os instantes imortalizados no ponto de geolocalização “Parque Guinle” por meio do aplicativo Instagram, também acessíveis via *softwares* de navegação, ao serem colocados lado a lado evidenciam a diversidade de instantes, as imensas subjetividades e as relações interdependentes que passam pelo e alteram o lugar. Assim, compõem um mosaico colorido carregado de afetos e permitem a quem enxerga acessar a simultaneidade visual das memórias que aconteceram no mesmo espaço, mas em condições, dinâmicas e forças variadas. Bem como ocorre nos locais de experimentação da arte e da cultura, que correspondem nos termos oficiais da pesquisa geográfica, a 636 bens preservados e 29 bens tombados.

Os bens preservados do bairro das Laranjeiras correspondem a 6% dos estabelecimentos culturais conservados do Rio de Janeiro. Um deles é a Casa das Artes de Laranjeiras, um centro de formação e treinamento de mão-de-obra artística para diversos setores das artes cênicas situado na rua Rumânia, nº44. Palco de loucuras expressivas, experimentações gestuais e encontros de diversos corpos, a CAL guarda muitas memórias afetivas de arte e de poesia.

**Figura 8 – Mosaico de capturas de fotos na CAL publicadas no Instagram**



Outro é a Casa da Leitura, que, segundo o site da Biblioteca Nacional, conta com duas Bibliotecas Demonstrativas, a infantil Monteiro Lobato e juvenil e adulta Adélia Prado. O prédio histórico dispõe também de um Centro de Referência e Documentação em Leitura (CRDL), com acervo especializado, que capta e disponibiliza informações sobre práticas, pesquisas e estudos realizados no Brasil e no exterior, fazendo também parte de uma Rede Nacional de Leitura.

**Figura 9 – Mosaico de capturas de fotos na Casa da Leitura publicadas no Instagram**



Os 29 bens culturais tombados que estão localizados no bairro das Laranjeiras equivalem a 2,4% dos que existem na cidade do Rio de Janeiro. Dentre estes se encaixam as Casas Casadas, construídas em 1883 pela família Leal e restauradas pela Prefeitura em dezembro de 1996, e onde hoje funciona a Riofilme e o Centro de Referência do Audiovisual da Cidade do Rio de Janeiro. Entre os bens tombados também está incluído o Mercado São José das Artes, mais conhecido como Mercadinho São José, que já foi senzala, celeiro de uma fazenda no Parque Guinle, mercado de hortifrutigranjeiros e centro cultural, após sua última revitalização. . "[...] desenha-se uma comunidade estabelecida por laços e marcas da afetividade. Supõe-se que a estrutura comunitária mova-se em direção a saídas para a armação presente na atualidade. (PAIVA, 2012, p. 67)."



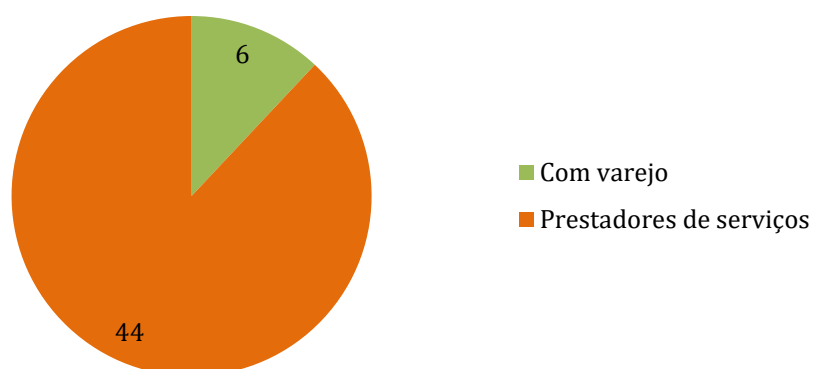
**Figura 10 – Mosaico de capturas de fotos no Mercadinho São José publicadas no Instagram**



Laranjeiras também foi contemplada com 6 vencedores no Edital Ações Locais – Cidade Olímpica, 4,4% do total de 137 premiações conferidas pela Secretaria Municipal de Cultura. O bairro recebeu 1 Ponto de Cultura correspondente a 2,2% dos 45 pontos do município.

### 3.2 Dinâmicas econômicas

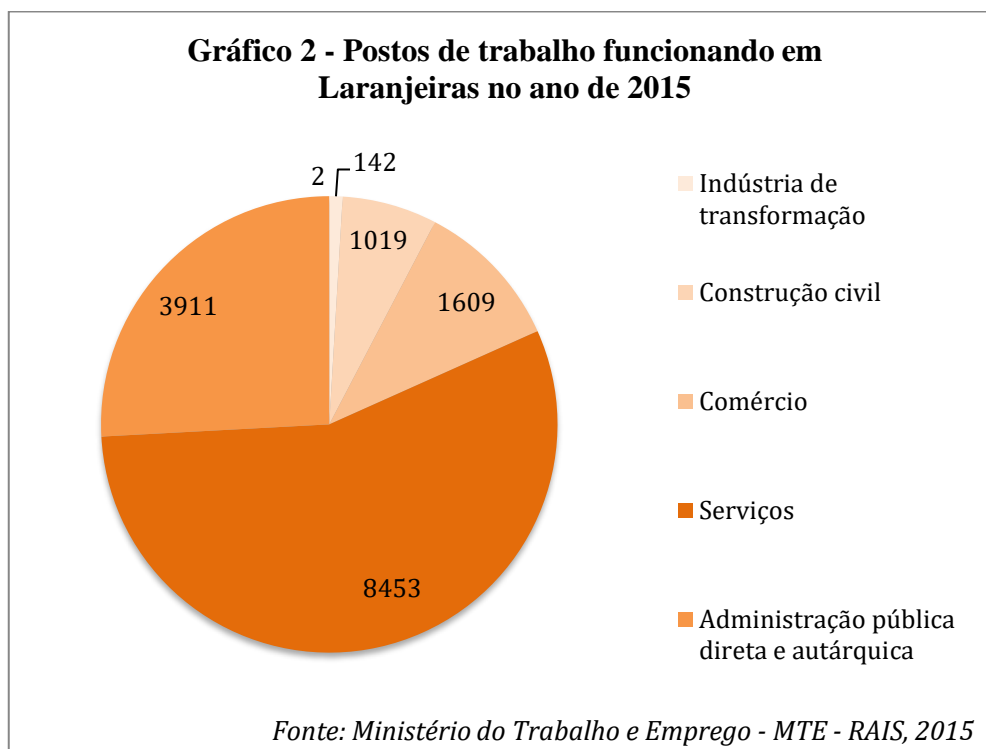
**Gráfico 1 - Estabelecimentos econômicos abertos em Laranjeiras no ano de 2015**



*Fonte: IPTU, Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro, 2015*

Em 2015, um total de 50 estabelecimentos foram abertos em Laranjeiras, dos quais 88% correspondem a prestadores de serviços e 12% ao setor de varejo. Este número corresponde a 0,31% dos estabelecimentos que abriram na capital fluminense e

faz com que Laranjeiras esteja no 80º lugar na lista de estabelecimentos abertos em bairros cariocas no ano de 2015.



Segundo o Instituto Pereira Passos, 15.136 postos de trabalho estavam funcionando em Laranjeiras no ano de 2015, números que correspondem a 0,62% dos 2.424.901 postos do Rio de Janeiro. 0,94% são postos de trabalho da indústria de transformação, 6,7% do setor da construção civil, 10,63% do setor de comércio, 55,84% de serviços, 25,83% do setor de administração pública direta e autárquica e 0,01% de agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Em Laranjeiras, foram concedidas 108 autorizações aos ambulantes de ponto fixo no ano de 2016.

O perfil dos imóveis do bairro demonstra que sua maioria é destinada ao uso residencial, como atestam os dados das tabelas abaixo.

**Tabela 1 - Imóveis de Uso Residencial em Laranjeiras**

Número de Imóveis	19930
Casa	1065
Apartamentos	18774
Casa / Apartamento	1
Outras Tipologias	90
Área Construída Total	2009316
Área Construída de Casa	229348
Área Construída de Apartamentos	1772225
Área Construída de Casa / Apartamento	138
Área Construída de Outras Tipologias	7605

**Tabela 2 - Imóveis de Uso Não Residencial em Laranjeiras**

Número de Imóveis	872
Área Construída Total	369350

**Tabela 3 - Imóveis de Uso Não Residencial do Setor de Comércio e Serviços em Laranjeiras**

Número de Imóveis	620
Lojas	580
Sobrelojas	9
Salas	31
Área Construída Total	61113
Área Construída de Lojas	49912
Área Construída de Sobrelojas	3630
Área Construída de Salas	7571

**Tabela 4 - Imóveis de Uso Não Residencial do Setor Industrial em Laranjeiras**

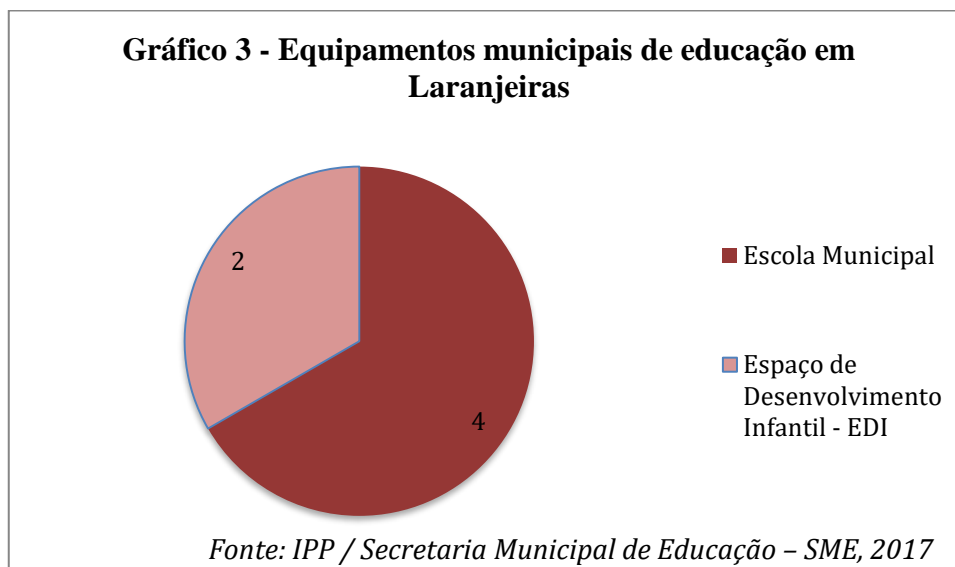
Número de Imóveis	2
Área Construída Total	2150

**Tabela 5 - Imóveis de Uso Não Residencial de Outros Setores em Laranjeiras**

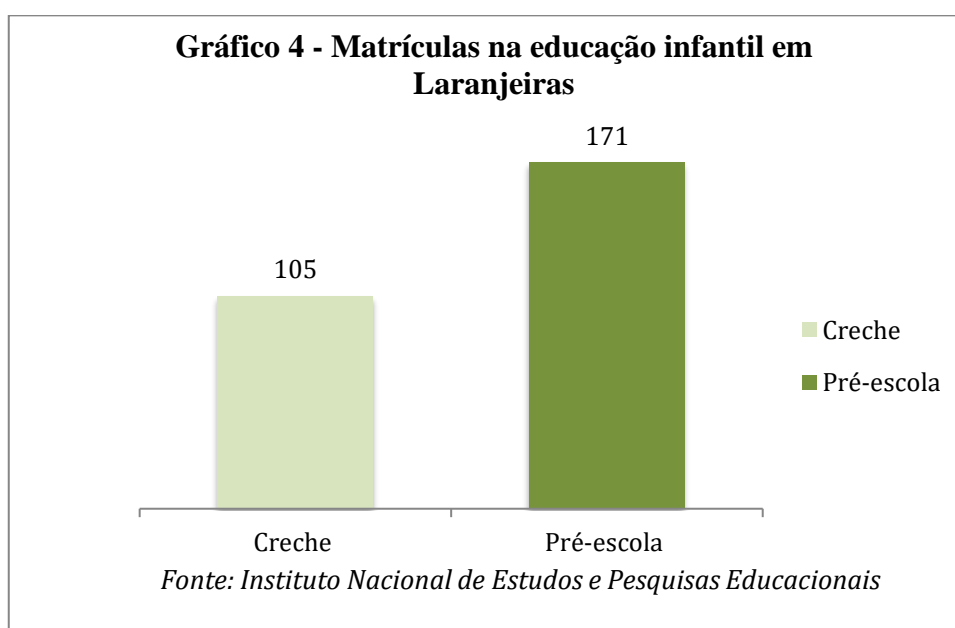
Número de Imóveis	250
Área Construída Total	306087

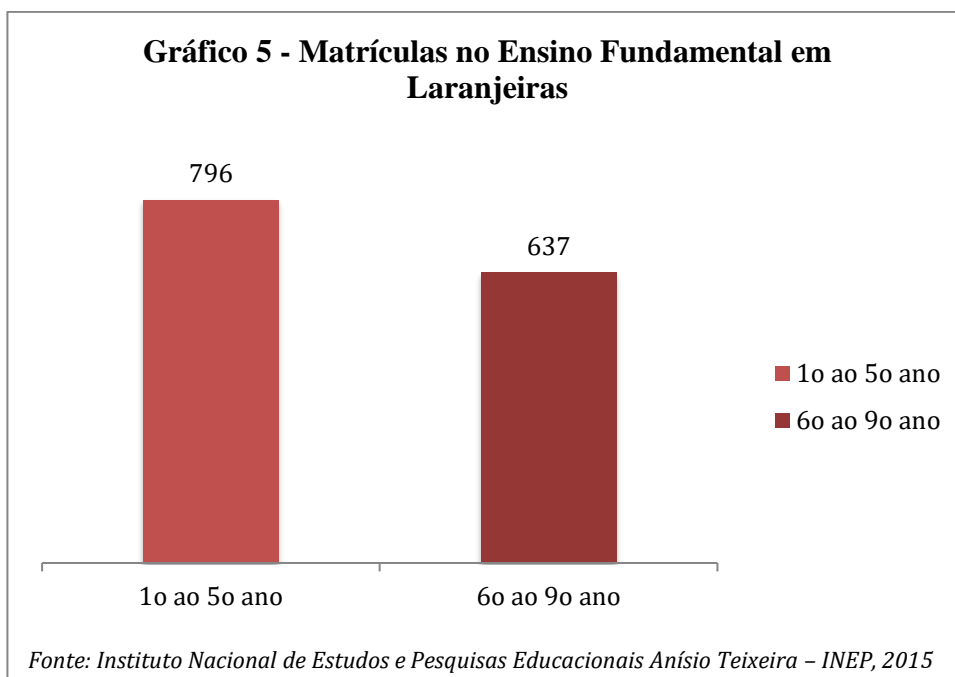


### 3.3 Movimentação escolar

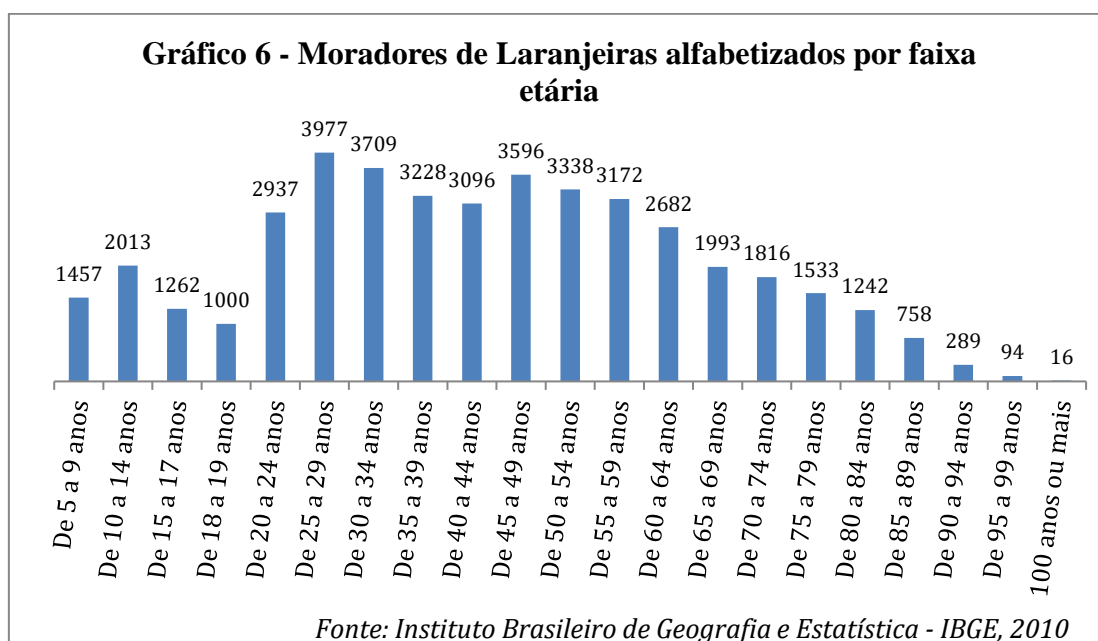


Um total de 276 matrículas foram realizadas em 2015 na educação infantil de Laranjeiras, sendo 38% em creches e 62% em pré-escolas. Enquanto isso, foram matriculadas 1.433 crianças na educação fundamental e média, sendo 55,54% do 1º ao 5º ano e 44,46% do 6º ao 9º ano. A taxa de analfabetismo dos moradores de Laranjeiras no ano de 2010 é de 0,008%. Em 2015, o IDEB (índice da educação básica) era de 5,85 nos anos iniciais e 4,10 nos anos finais.





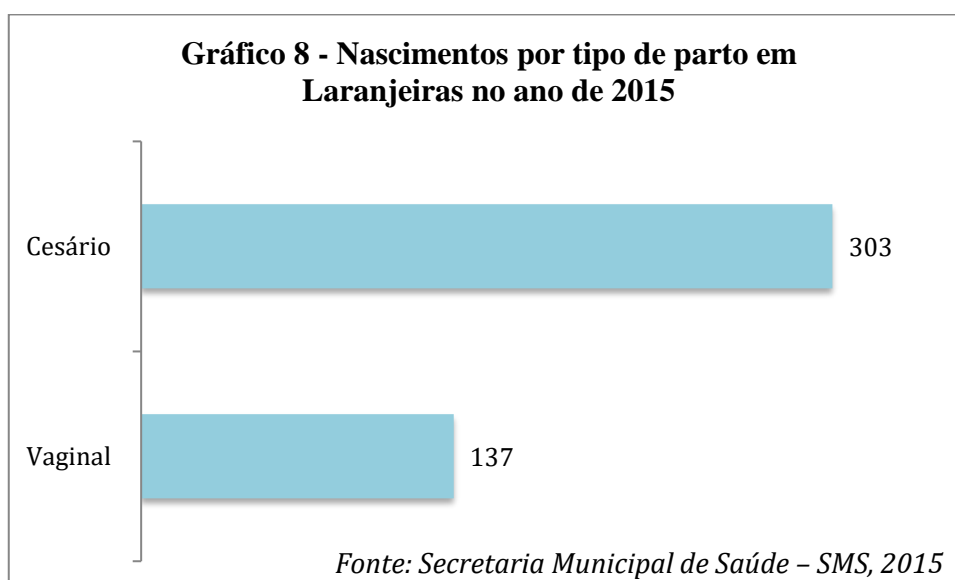
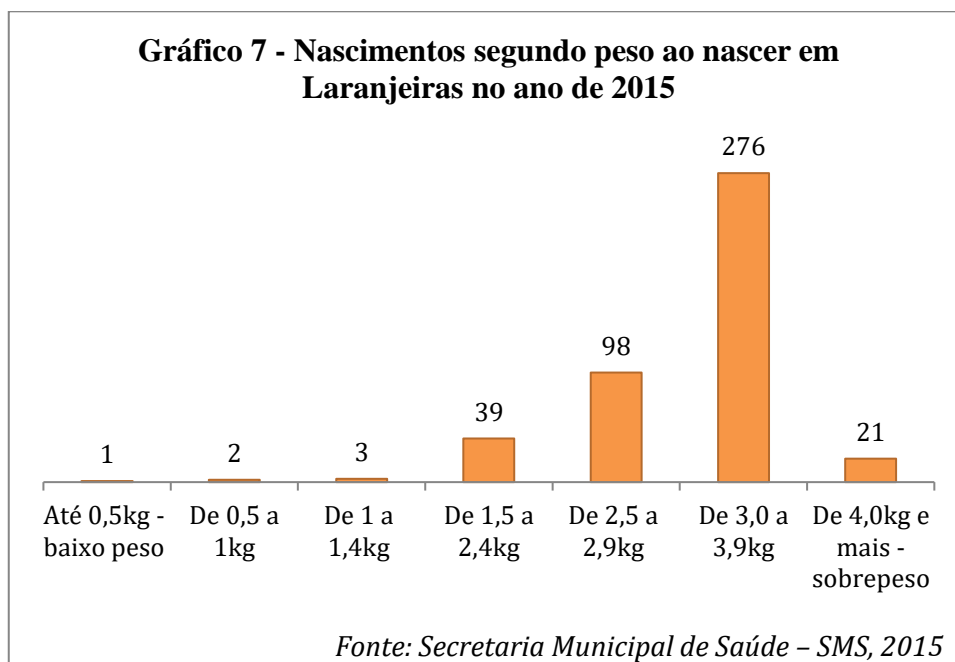
95,35% (24.321) das mulheres que moram no bairro são alfabetizadas, e 4,65% não são, enquanto 93% (18.887) dos homens que moram em Laranjeiras são alfabetizados e 7% não são.



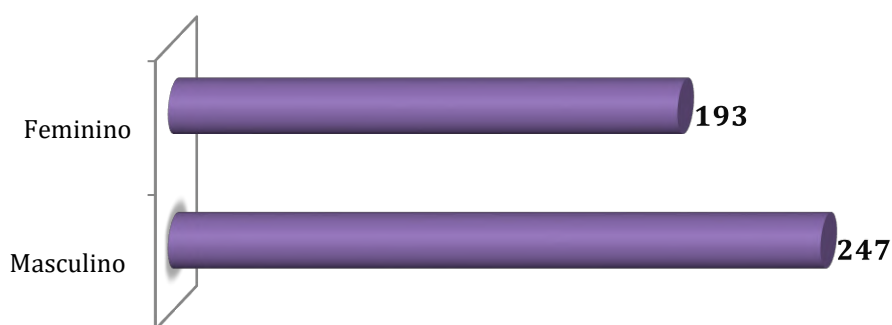
Além das 6 unidades da rede pública municipal, o bairro das Laranjeiras concentra também uma grande movimentação ao redor das suas instituições de ensino

particulares: EDEM, Liceu Franco Brasileiro, Eliezer, Centro Educacional Miraflores, Colégio SION, Curiosa Idade, Lycée Molière, INES, ICE, Escola da Travessa, Dínamis, Florescendo, Talento e Colégio São Vicente de Paula.

### 3.4 Saúde e desenvolvimento humano

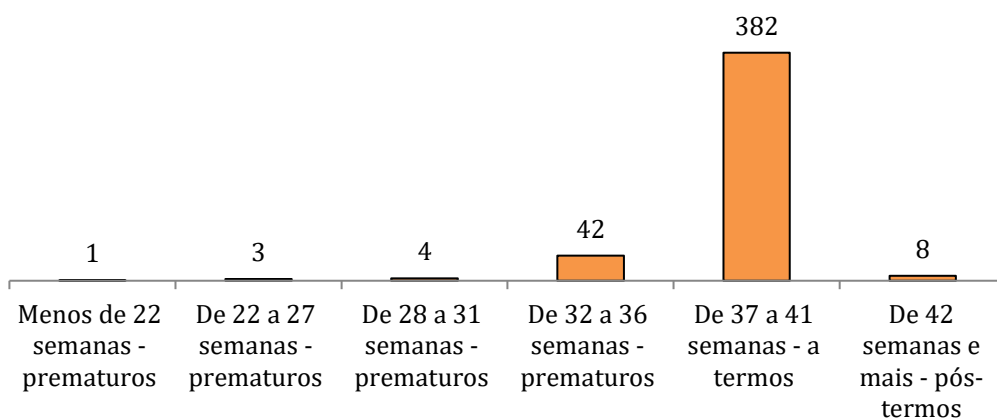


**Gráfico 9 - Nascimentos por sexo em Laranjeiras no ano de 2015**



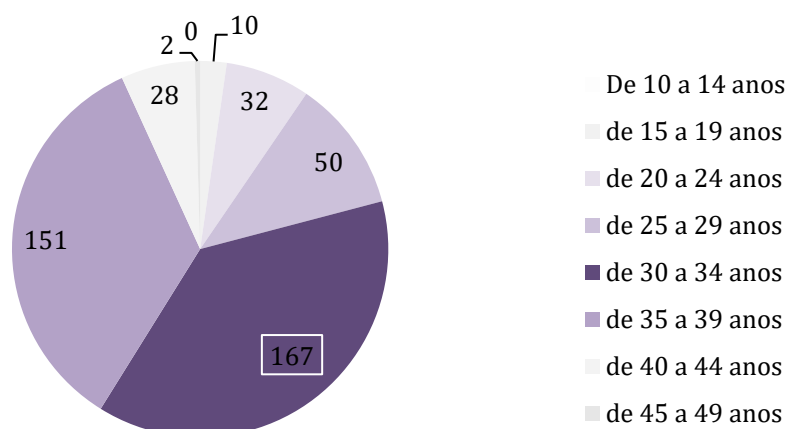
Fonte: Secretaria Municipal de Saúde – SMS,

**Gráfico 10 - Nascimentos segundo duração da gravidez em Laranjeiras no ano de 2015**



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde – SMS, 2015

**Gráfico 11 - Nascimentos segundo a idade da Mãe em Laranjeiras no ano de 2015**



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde – SMS, 2015

**Tabela 6 - Mortalidade Infantil em Laranjeiras**

Mortalidade antes do 7º dia	2
Mortalidade do 7º ao 27º dia	1
Mortalidade do 28º dia até 1 ano de vida	1

*Fonte: Secretaria Municipal de Saúde – SMS, 2015*

Um dos hospitais que realizam partos no bairro é a Clínica Perinatal, que também conta com um ponto de geolocalização no Instagram através do qual vários pais referenciam seus momentos íntimos e compartilham suas emoções. Assim como mostram as imagens dos perfis *partospelorio*, *carolsouzalima\_decor*, *lisandra\_couto* e *rodemoro*.

**Figura 10 – Mosaico de capturas de fotos na Perinatal publicadas no Instagram**



Todos os índices da área de saúde associados aos de outras áreas de pesquisa colaboram para que seja altíssimo o Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) de Laranjeiras. Este supera inclusive o primeiro lugar do ranking de países, que é da Noruega. Não obstante, o bairro ocupa o 9º lugar na lista de IDHs dos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Enquanto o contraditório está no sopé desta mesma lista: o Complexo do Alemão configura menor Índice de Desenvolvimento Humano que o do Suriname.

## **4. Redes de memórias afetivas**

### **4.1 Afeto e lugar: relações metonímicas e interdependentes**

Não são poucos os teóricos da psicologia e da psicanálise que se debruçaram sobre o conceito de afeto, pois já enxergavam em seus objetos de estudo um caráter subjetivo, definido sobretudo na experiência. Dar valor concreto às experiências humanas, imensas em suas múltiplas dimensões simultâneas, as profundezas dos diversos processos interdependentes que se desenvolvem na vivência do aqui e do agora, no exato local e no presente momento, pelo ser humano. Assim, na maioria das vezes, só podemos saber da existência de um afeto se o sujeito afetado exteriorizá-lo, pois é o único que pode acessar seu campo empírico singular. Sobre este encadeamento afetivo, Breuer & Freud (1893-1895) já decretavam que “a lembrança sem emoção quase invariavelmente não produz nenhum resultado. O processo psíquico que originalmente ocorreu deve ser levado de volta ao seu *status nascendi* e então receber a expressão verbal.”

Obviamente essa “separação” da mente é um recurso meramente didático e metonímico, sabemos que cada um dos componentes das funções interage e se liga uns com os outros. Assim, por exemplo, se ocorre ao sujeito uma lembrança triste (função cognitiva), passa a surgir dentro dele um sentimento de tristeza (função afetiva), que pode vir a se traduzir por expressões faciais como o choro (função volitiva). “As afecções à base de tristeza se encadeiam, portanto, umas nas outras e preenchem nosso poder de ser afetado. Elas o fazem, porém, de tal maneira que nossa potência de agir diminui cada vez mais e tende para seu mais baixo grau” (DELEUZE, 1968, p. 166). Se

no encontro com outro corpo, seja uma pessoa, um livro ou um animal, a potência de agir aumenta, este afeto que me invade é de alegria.

Spinoza subdividiu a reflexão sobre as características afetivas em afetos passivos, também chamados de paixões, e afetos ativos, também chamados de ações. Os primeiros acontecem quando não somos a causa de nossos afetos, ou apenas causa parcial, uma parte mínima. Eles são causa necessária de um mundo que se impõe em nossos corpos. Mas estes afetos são inconstantes e não podemos depender deles, já que, da noite para o dia, aquilo que nos dava alegria pode, no momento seguinte, nos trazer tristeza. Já a atividade afetiva só pode ser alegre, pois o corpo sempre esforça-se para aumentar sua potência de agir. Trata-se de uma busca por expandir-se e tornar-se alegre. Quando o corpo age, ele age por sua própria natureza, que se esforça para crescer, ser cada vez mais forte, mais capaz de ser afetado de múltiplas maneiras e agir no mundo de muitas formas, aumentando sua potência e ser afetado cada vez mais por afetos alegres.

De fato, esta potência fundamental nos processos de decisão e de ação nos lembra que corpo e mente são partes indivisíveis. O próprio filósofo Spinoza já vislumbrava seus vários pontos de conexão: “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”. Nesse sentido, Reich defende uma sociedade que receba intacta a energia animal dos homens e das mulheres, pois “o cerne da felicidade da vida é a felicidade sexual”. De fato, o nosso corpo, ao carregar memórias e cristalizar experiências, manifesta o subjetivo das mais sutis a evidentes movimentações anatômicas, físicas e químicas. No pensamento de Reich, o corpo passa a ser utilizado como elemento fundamental de diagnóstico (através da leitura corporal) e local da ação terapêutica (através dos exercícios corporais). Diferentemente de Freud, em Reich é o desequilíbrio energético que causa a neurose. Mas não apenas uma energia psíquica, e sim a energia única que circula por todo o corpo. Esta energia passou a ser designada de modos diferentes e significados semelhantes: bioenergia, energia orgônica ou energia vital. O que soou como um grande exagero para os psicólogos tradicionais, tornou-se um primeiro esboço do entendimento das complexas estruturas humanas: as redes.

Sempre presentes, as lógicas sociais de contágio e de ação coletiva se transpareceram também no uso das tecnologias de informação e comunicação. Sob os

efeitos da influência social, a ação coletiva aproxima-se mais da lógica de contágio social do que de um processo dependente de incentivos. Desse modo, os estudos de rede são cruciais para compreender a transmissão de comportamentos sociais. A rede enquanto estrutura social indica o modo como os indivíduos monitoram os grupos de referência antes da tomada de decisão e sua arquitetura pode apontar as direções em que ocorrem os processos de difusão e contágio. Por exemplo, dois sujeitos com o mesmo limiar, mas com diferentes redes pessoais, podem aderir a uma ação coletiva em momentos diferentes.

Por isso, o modelo de rede não somente indica a interdependência entre fenômenos sociais, mas aponta que algumas das características de sua própria estrutura (como tamanho, densidade ou centralização) também afetam a velocidade e o alcance das reações em cadeia. Uma quantidade significativa de atores altamente motivados, portanto afetados ativamente, é necessária para iniciar uma cadeia, mas a posição destes atores na rede, e a posição daqueles aos quais estes estão ligados, também são relevantes para o modo como tais cascatas irão (ou não) se desdobrar. Embora não resolva o “Dilema do Voluntário” inicial, de quem decide tomar a iniciativa e fazer o primeiro movimento, é a estrutura da rede que viabiliza o contágio. Nesse sentido, consideramos a “[...] dimensão afetiva imprescindível à vinculação humana (PAIVA, 2012, p.74).”

No processo instantâneo da troca, quem interpreta os códigos e sentidos também os filtra inevitavelmente. Em seguida, os recompõe, examina, ressignifica e externaliza. Neste caminho, ruídos comunicacionais e psicológicos serão inevitáveis. E complementos de recordação estimulam outros assim como pequenas rememorações trazem novas lembranças. O próprio exercício de resgatar as memórias, nas entrevistas realizadas para este mapa, desencadeava, nos sujeitos, imagens mentais e por conseguinte outros lugares, e por assim seguia-se costurando uma rede de memórias pelos lugares e pelos afetos. Em relações metonímicas, da parte para o todo e vice-versa, e interdependentes, de efeito cascata sem ponta isolada. Em um movimento circular de analogias e relembrações.

Então, e aí eu tô dando aula no Amaro Cavalcanti, nos primeiros dias que eu entrei no Amaro Cavalcanti, aí ele chega na minha sala de aula, olha para mim e fala “Não acredito! Você aqui?”. E eu falei: “quê isso? O que você está fazendo aqui?”. Aí a gente se abraça, né? E é um encontro



bastante bonito, é memorável mesmo, tem que rememorar mesmo. E aí começou a minha relação de afeto com o Amaro, enfim, com as pessoas do Amaro.<sup>2</sup>

Esta fala relembra a experimentação interpretada pelo corpo e pela mente, pela visão, pela audição e pelo tato. Exemplo de uma memória sensorial que suscita o colégio estadual Amaro Cavalcanti na professora da rede pública Fabíola Camargo e evidencia como é a sua relação afetiva com o lugar. “O afeto que se tem de um lugar está portanto atrelado à experiência que se pode ter neste espaço” (TUAN, 1983).

Contar a memória do outro, quando este outro já configura um afeto, também traduz uma relação de entrelaçamento. Flora Prata acaba por viver as Laranjeiras do seu pai em seu universo psicológico e subjetivo quando ele compartilha suas memórias. “Quando eu lembro de Laranjeiras, eu lembro bem que meu pai morou lá muitos anos. Como eu nunca morei lá, eu lembro das histórias que ele sempre conta. [...] Laranjeiras para mim é mais história que vivência”<sup>3</sup>. Ela sente “ter um pedacinho lá”, justamente por uma relação metonímica, porque o estímulo parte da palavra Laranjeiras, e uma relação também interdependente pelas suas memórias familiares. Flora lembra portanto dos momentos em que escutou as memórias do pai, que, por sua vez, relembrou suas histórias e as expressou, com todos os prováveis ruídos de comunicação mencionados no percurso da lembrança.

Da parte para o todo também se movimentam a sensorialidade, a subjetividade, a familiaridade e a sociabilidade da memória em pontos específicos que formam ambientes urbanos integrados e interdependentes. Por exemplo, a combinação de sabores, texturas e temperaturas perfeitas na boca de um cliente em um restaurante estende esta memória gastronômica à rua do estabelecimento. O sujeito, condição existencial para a subjetividade, participa da cidade, onde atua como cidadão na população, pedestre nas ruas, passageiro nos ônibus e metrô. Esta enumeração elenca as micro-esferas biológicas, psicológicas, sociais e políticas que regem o sentir, que compõem a memória.

“O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983, p.3). Essa importante distinção trabalha nos significados opostos complementares da psicologia, que imprimem valor aos conceitos

---

<sup>2</sup> Trecho da entrevista concedida à autora no dia 03 de novembro de 2017

<sup>3</sup> Trecho da entrevista concedida à autora no dia 07 de novembro de 2017

como a estabilidade e a ousadia. Um paralelo ao viver nas cidades, aglomerados de contradições. Na calma de um passeio no parque e com a coragem dos encontros com as multidões de desconhecidos. Na zona de conforto residencial e no caos das festas. Estados de espírito que são análogos do mesmo modo às subdivisões do afeto, ativo e passivo, e que dialogam com as reivindicações crescentes por confiança, empatia e sentimento de comunidade nas cidades hiper-conectadas de sujeitos isolados. Prova de que a conexão não é mera questão de progresso técnico e tecnológico, mas de disposição emocional e não egóica para a diversidade. Para esse monstro parecido comigo, mas tão diferente, o outro. “Viver numa cidade significa viver junto – junto com estrangeiros. Jamais deixaremos de ser estrangeiros: permaneceremos assim, e não interessados em interagir, mas, justamente porque somos vizinhos uns dos outros, destinados a nos enriquecer reciprocamente” (BAUMAN, 2005, p.74-75).

Contudo, os encontros urbanos esbravejam a superficialidade do que nos é reprimido subjetivamente enquanto pessoas. Afinal, tempo é dinheiro para quem abdicou de seu interior. E nos bairros, também o desconhecido cruza, a incerteza buzina e o acaso está na esquina. E nesta hiper-conexão desconectada repleta de incertezas, esquecemos que “a cidade é a gente também, é onde as coisas acontecem. [...] A gente acha que é no privado, na nossa casa, mas na verdade a vida está acontecendo em todos os lugares”<sup>4</sup>. “Na existência, devemos conquistar aquilo que pertence à nossa essência. Justamente, só podemos formar noções comuns, mesmo as mais gerais, se encontrarmos um ponto de partida nas paixões alegres que aumentam primeiramente nossa potência de agir” (DELEUZE, 1968, p. 214).

A disposição para o intenso agora, em meio ao dinamismo de milhares como nós, não será um esforço racional e lógico, resultado de uma equação milimetricamente matemática. Pelo contrário, o acesso a esta essência citada por Deleuze, essa subjetividade incompleta, o eterno e abstrato vazio do ser, será a válvula de escape orquestrada sem querer pela felicidade. Afinal, de acordo com Tuan (1983) ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se por, de trabalhar e brincar. É um tipo de conhecimento subconsciente.

---

<sup>4</sup> Trecho da entrevista concedida à autora no dia 06 de novembro de 2017

A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Mais ainda, a própria cidade é um conjunto de símbolos. E se, como percebemos anteriormente, a cidade funciona como um sistema de micro-organismos interdependentes que estabelecem relações metonímicas, o bairro segue, como parte, influenciando a potência narrativa de seu todo. Como lugar subjetivo, abrange um universo de significados simultâneos organizados e “um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente (TUAN, 1983, p.171)...” Diante dessa inesgotável e infindável reflexão, evidencia-se a limitação das narrativas tradicionais dos jornais, simples e planas demais, como reconstituição de percursos dos sujeitos de memórias em Laranjeiras.

## 4.2 Construção de linguagens territoriais em Transmídia

“atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubri  
mendimultipliorganiperiodiplastipubliaparecipro  
rustisagasimplitenaveloveravivaunivora  
cidade  
city  
cité”

Augusto de Campos

Como toda linguagem, transmídia explora os múltiplos sentidos de uma história mas, mais ainda, abre terreno para a sua convergência sensorial, i.e. um encontro de esferas de significados complementares sustentados por diferentes mídias, como corpos de um universo narrativo. As infinitas potencialidades desta usabilidade se veem diante de desafios culturais de vícios de compreensão e expressão e de uma criatividade híbrida em si, no seu processo. Por que não combinar, então, os fundamentos das narrativas transmídia com um mapa, já que sua “habilidade cartográfica [...] pressupõe o talento de abstrair e simbolizar (TUAN, 1983, p. 87)” e é uma evidência do poder de conceituar as relações espaciais? Uma pergunta que nasce a partir da descoberta dessas subjetividades informacionais vinculadas a um lugar específico nas novas tecnologias de informação e comunicação e nos processos info-comunicacionais. Celebramos, nesta

escolha, a inauguração de um caos narrativo. As chamadas mídias locativas já existiam antes mesmo da Internet, em placas informativas e letreiros de estabelecimentos comerciais. Portanto, é importante distinguir as mídias locativas analógicas, que estão centralizadas em processos informacionais estáticos, das mídias locativas digitais, que estão voltadas à interação.

Além de inaugurar dinâmicas info-comunicacionais autônomas, ativas, pervasivas e sensíveis, as mídias locativas digitais operam como morada de vastos territórios informacionais, que são processados por artefatos sem fio como GPS, telefones celulares, *palms* e *laptops* em redes Wi-Fi ou Wi-Max, Bluetooth, ou etiquetas de identificação por rádio frequência, RFIDD. Até 2020, este "universo digital" (i.e., todos os dados criados por consumidores e negociadores no planeta Terra, incluindo vídeos, áudios, documentos, etc.) será 44 vezes maior do que era em 2009. Em termos informáticos, essa expansão corresponde ao aumento de um volume de 800 bilhões de gigabytes para 35 trilhões de gigabytes de dados armazenados<sup>o</sup>. Este cenário “implica uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita” (LEMOS, 2008, p.1). Não obstante, inúmeros usuários das mídias locativas digitais têm aproveitado a sua potência tecnológica como escrita e releitura do espaço urbano, como meio de apropriação e ressignificação das cidades.

Procedimentos clássicos de verificação de entrada e saída em ambientes urbanos, os *check-ins* e *check-outs* já aplicados em aeroportos e hotéis se tornaram elementos fundamentais na cultura digital a partir das mídias locativas. Nos dias atuais, é possível “fazer *check-in*” em movimento, com outras redes, quando usamos o transporte público, dirigimos nossos carros, caminhamos pelas ruas ou visitamos um prédio. Como essas redes estão cada vez mais conectadas, nós acabamos por estar permanentemente *online*. A ponto de não só navegarmos pela Internet, como vivermos nela. Enganam-se, portanto, aqueles que desumanizam processos tecnológicos e esquecem de suas raízes e usos completamente humanos. Em muitas mídias locativas digitais, os *check-ins* estimulam novas sociabilidades pela proximidade geográfica. Inclusive, redes geossociais como o *Foursquare* beneficiavam-se destes processos ao articulá-los com princípios de jogos para engajar seus usuários a circular pelos locais e encontrar pessoas próximas. Uma mediação que se filtrava em unidades de medida específicas e progressivas, tendo como exemplo raios de 1km, 2km, 5km ou 10km. Ou

seja, para cada local que um usuário do Foursquare chegasse, pontos seriam acumulados e gerariam dois rankings de classificação: um no qual participam este usuário e sua rede de contatos; outro que participam este usuário e todos os outros usuários de sua cidade. Quanto mais vezes se "frequentasse" um lugar, melhor: o maior frequentador de determinado local tornaria-se prefeito dele. Assim como o Foursquare, Facebook, Twitter e Instagram também são redes geossociais que incluem funcionalidades de georreferenciação, tais como a geocodificação ou a geoetiquetagem. Seus utilizadores podem optar por uma dinâmica social adicional à que existe em outras redes sociais e interagir com base no lugar onde se encontram. Graças à localização do endereço IP, à triangulação de um *hotspot* (zona de cobertura *Wi-Fi*), à localização do aparelho celular ou à informação enviada pelo próprio utilizador.

Criados pela empresa japonesa Denso-Wave em 1994, os *QR Codes* também podem ser aproveitados como linguagem para expandir o alcance das narrativas Transmídia nos ambientes urbanos. Principalmente porque complementam, por meio de um conteúdo digital codificado, a realidade do local. Esses códigos de barras em 2D (duas dimensões) geralmente em formato quadrangular podem ser decodificados e lidos por aplicativos ou *softwares* específicos em aparelhos eletrônicos que contem com câmeras. Quando este código de barras é lido através de seu celular, se é levado para uma plataforma digital com informações, vídeos, textos e áudios adicionais. Assim, estampar um código em duas dimensões em um bairro como Laranjeiras é abrir uma via de acesso informacional às subjetividades que circulam todos os dias por aquele ponto específico. Na própria cidade do Rio de Janeiro, os *QR Codes* serviram como um canal informativo dentro do projeto tecnológico QRio, da Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos, em parceria com Grupo Máquina PR e a agência de design e tecnologia digital Zóio.

**Figura 11 – *QR Code* na calçada em frente à praia do Arpoador**



Desdobrando-se das *tags*, palavras-chave (relevantes) ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita no aplicativo Twitter, e também no Facebook, Google+ e/ou Instagram, estão as *hashtags*. As *hashtags* são compostas por palavras-chave antecedidas pelo símbolo cerquilha (#) e se consolidaram como linguagens de encontro de gamas de conteúdo digital e informacional sobre um mesmo tema. O funcionamento das *hashtags* está fundado no redirecionamento de hiperlinks indexáveis pelos mecanismos de busca dentro das redes. Sendo assim, outros usuários podem clicar nelas ou buscá-las pela funcionalidade de pesquisa para ter acesso a todos que participaram da discussão. Logo, as *hashtags* desempenham a função de termômetros semânticos das interações digitais e *online*, como aquelas mais usadas no *Twitter* que ficam agrupadas no menu *Trending Topics*, ou Assuntos do Momento, encontrado na barra lateral do microblog. Por exemplo, quando compartilho algo com a palavra-chave *#Laranjeiras* permito que os utilizadores da rede social em questão, ao pesquisarem a *hashtag* *#Laranjeiras*, encontrem todo o conteúdo relacionado. Até por nascerem na arquitetura de uma mídia com limite de caracteres, as *hashtags* em geral são curtas, isoladas e descrevem a publicação da forma mais objetiva possível.

Assim como as mídias locativas digitais, a GeoWeb é um conceito recente, em fase de consolidação, pois trata-se de um termo ainda submetido a um certo grau de abstração. É uma tecnologia que abre um armazém de informações geográficas à interatividade com o usuário, permitindo que este obtenha o resultado desejado através

da geração de mapas digitais e consulta ao banco ou base de dados geográficos por meio dos temas disponibilizados. Em seu sentido mais amplo, a GeoWeb expressa a associação que se produz entre os dados digitais da rede e a sua posição espacial. Enquanto a Web 1.0 emergia com funcionamento estático e pouca interação, a Web 2.0 aparecia como uma evolução da internet, ao facilitar uma grande interação do usuário com a rede, sendo ele mesmo o consumidor e produtor de informação. Agora a chegada da Web 3.0 transforma a internet em uma rede semântica cujos múltiplos sentidos não serão buscados, mas sim localizados. Em que o usuário estará imerso dentro de uma teia tridimensional de informação.

Estima-se que 90% ou mais dos dados que usamos em nosso dia-a-dia têm relação estreita com sua posição espacial. Assim, a GeoWeb pode também ser entendida como um grande globo digital (ou virtual), em que estão inseridas informações. Uma plataforma que atribui-se do “[...] desejo humano fundamental de fixar a realidade sobre uma tela apenas, de expressar tudo o que vemos de modo integrado e simétrico” (MURRAY, 2003, p.159). É como um metaverso, ou seja, um mundo virtual semelhante ao real, porém com maior quantidade de informações. Os navegadores geográficos gratuitos e populares de hoje, *Google Earth* ou *Yahoo Maps*, são exemplos de implementações de serviços Geoweb simples. Tratam-se de redes informáticas que combinam sistemas de estrutura geográfica (por exemplo, mapas bidimensionais) ou geoespaciais (por exemplo, imagens tridimensionais) com um sistema de sobreposição de *Geotags* na finalidade de conectar usuários com outros locais de rede. No sistema de compartilhamento de fotos Flickr13, por exemplo, pode-se, a partir dessas *geotags*, agregar informações textuais a mapas de localidades específicas.

Esse sistema também permite o compartilhamento de *tags* através de localização de lugares em mapas mundiais, além da armazenagem de *geodata* (dados geográficos) em um formato que pode ser usado com um Sistema de Informação Geográfica (SIG). Os meta-dados geográficos são armazenáveis em um banco de dados, uma base de dados geográficos, *shapefile*, cobertura, imagem *raster* ou mesmo uma tabela dbf ou uma planilha do Microsoft Excel.

Essas funcionalidades locativas podem se aplicar a formas de mapeamento (*mapping*) e de monitoramento do movimento (*tracing*) do espaço urbano através de dispositivos móveis. Assim, os percursos dos usuários mostram que uma cidade é feita

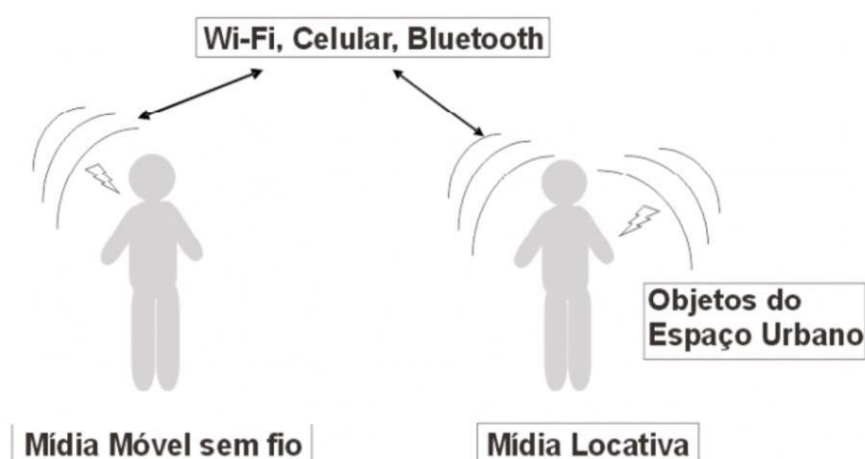
de inúmeras cidades, e que a memória afetiva é uma vivência específica dos lugares. No espaço público, nós estamos cada vez mais rodeados de dispositivos digitais. Câmeras vigiam nossa segurança, antenas e sensores medem a nossa velocidade ao dirigir e o

celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um "teletudo" para a gestão móvel e informacional do cotidiano. De medium de contato interpessoal, o celular está se transformando em um media massivo. [...] A ubiquidade, as estruturas em rede e o contato social, motes da cibercultura, estão em plena prática com o uso da telefonia celular mundial (LEMOS, 2004, p.7).

O telephone móvel pode identificar restaurantes, hotéis, marcas geográficas e links na web sobre os lugares apontados, expandindo dessa forma o universo de informações e mesclando espaço físico e dados eletrônicos. Esse tipo de hiperlinkagem chama-se *Mobile Augmented Reality Applications* (MARA) e

pressupõe o uso de sistemas computacionais sensíveis ao posicionamento do usuário no espaço (tecnicamente conhecido como rastreamento) e que possibilitam sua interatividade com o ambiente, fornecendo também algum tipo de retorno sensorial (retroalimentação) para ele. Tais características produzem, por fim, a sensação de se estar imerso, em algum grau, nesse mundo simulado ou virtual (HAGUENAUER, 2013, p.296).

**Figura 13 - Mídias não-locativas digitais e mídias locativas digitais**



Conforme demonstrado pela figura acima, a diferenciação entre intermediários móveis sem fio e mídias locativas se faz pela interação com os objetos do espaço urbano. Essas mídias locativas digitais possibilitam as apropriações do espaço urbano a



partir de escritas eletrônicas. Anotações físicas como cartazes, bilhetes, *outdoors*, grafites e pichações são práticas correntes nas grandes cidades. Essas mídias, por sua vez, permitem anotações eletrônicas através de celulares, *palms*, etiquetas RFID ou redes bluetooth para indexar mensagens (SMS, vídeo, foto) a lugares. As narrativas Transmídia podem complementar as diferentes mídias locativas em caminhos não-lineares, pulverizados, participativos e, no caso deste mapa, não-ficcionais. É claro que “[...] em última instância, há uma enorme dificuldade de se definir o que é o real e, por consequência, também o que é virtual; pois trata-se, antes de mais nada, de uma questão filosófica” (HAGUENAUER, 2013, p.298). E é propriamente na diversidade não hierarquizada ou ordenada de memórias subjetivas sobre Laranjeiras que mora sua força, potência e riqueza.

## **5. Relatório de produção**

### **5.1 Justificativas**

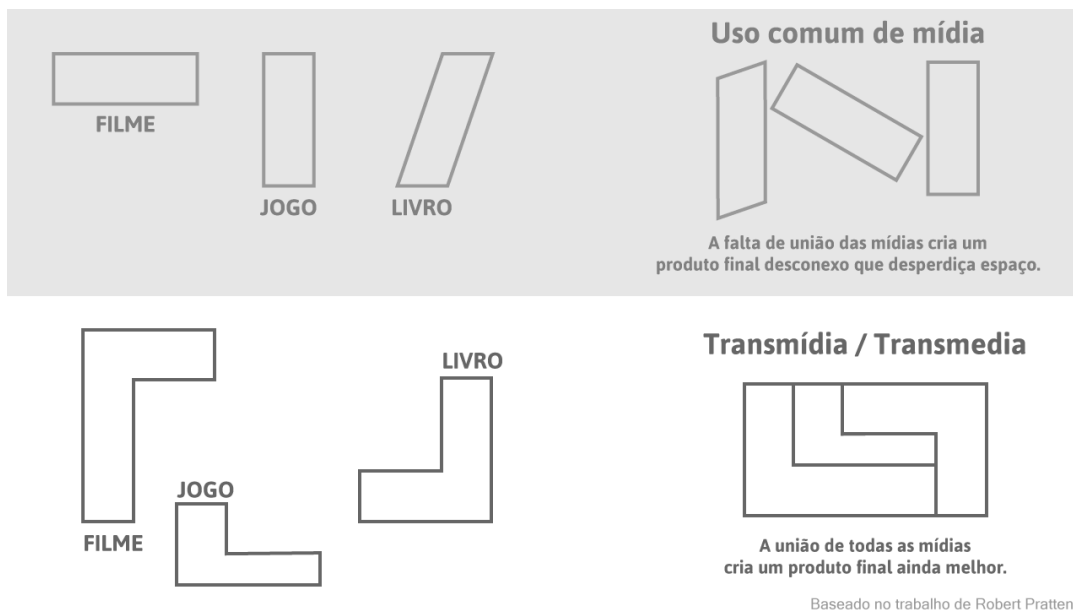
As motivações de um trabalho de conclusão de curso nascem de percursos extremamente personalizados na formação acadêmica. Tanto na escolha dos seus formatos, quanto na composição de seu conteúdo. Optei por um projeto prático pela angústia que me suscitava a grande quantidade de monografias de amigos encostadas nas estantes e catálogos das bibliotecas das universidades. Sobretudo porque enxergo na pesquisa acadêmica uma responsabilidade pública e um compromisso social com o impacto concreto. Além de que, no campo de estudo do jornalismo, precisava encontrar um modo narrativo que contemplasse as potencialidades provocadas pelo surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação e a sua convergência midiática, este “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação de múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, 2009, p.29).

Segundo Jenkins, mídias tradicionais como a televisão estão sendo influenciadas pela internet para se adaptar às transformações culturais, sociais e mercadológicas que a *World Wide Web* transferiu aos meios de comunicação. A convergência midiática portanto vem gerando a hibridização dos produtos da Internet, da televisão, dos jornais, das revistas, do rádio, e das diversas outras mídias e, assim, reconfigurando a relação

entre as tecnologias, a indústria, os mercados, gêneros e públicos. Ainda de acordo com o autor, a convergência ocorre dentro dos cérebros de usuários individuais e em suas interações sociais com os outros. É um fenômeno que se aplica apenas ao modo como as informações serão produzidas, veiculadas e consumidas, mas não diz respeito especificamente ao veículo em que serão compartilhadas. A chamada Geração Y, dos *Millenials*, é a primeira a se desenvolver quase integralmente em torno dessas tecnologias e da internet, tornando-se capaz de produzir o seu próprio conhecimento e compartilhá-lo com o resto do mundo.

Não à toa, por fazer parte dela, encontrei alguns indícios durante meu intercâmbio na Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle, na disciplina *Transmedia & Storytelling: les nouvelles formes de création*, ministrada pela professora Sylvie Georgiades, sobre as novas formas de criação info-comunicacionais como as narrativas Transmídia e o fenômeno do *Storytelling*. Ao conhecê-las, um vasto leque de soluções se abriu diante dos meus desafios acadêmicos. Para a avaliação desta mesma disciplina, realizamos, eu e minha colega Marina Cruz, uma adaptação do roteiro da telenovela brasileira *Avenida Brasil* para um jogo e um documentário web que se complementariam na narrativa final. Importante ressaltar que as narrativas transmídia, diferentemente das narrativas crossmedia, exploram o maior potencial comunicativo de suas variadas mídias. Crossmedia vem do inglês e significa “cruzar” – ou “atravessar” – a mídia, ou seja, levar o conteúdo além de um meio apenas. O conteúdo (a mensagem) é distribuído através de diferentes mídias (o meio) para atingir o público (o receptor), sem alteração de um meio para o outro. O sentido básico deste termo é que uma pessoa possa acessar o mesmo conteúdo por diferentes meios. Por exemplo, a adaptação da série de livros de Harry Potter, da autora J.K. Rowling, para os filmes que se tornaram alguns dos maiores sucessos de bilheteria da história do cinema. Já o Transmedia, que também vem do inglês, significa “além da” mídia, ou seja, o conteúdo sobressai a mídia. As diferentes mídias (os meios) irão transmitir diferentes conteúdos (as mensagens) para o público (o receptor), mas de forma que os diferentes meios sejam complementares. Tanto que se o receptor utilizar apenas um dos meios, terá acesso apenas à mensagem parcial.

#### **Figura 14 - Uso comum de mídia e Transmídia**



Após encaixarem-se as peças deste quebra-cabeça comunicacional, finalmente descobri que Transmídia seria a arquitetura narrativa mais indicada para os objetivos do trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo na UFRJ.

De fato, a emergência da transversalidade e interdisciplinaridade nas linguagens virtuais transformou os territórios digitais em universos de interação informacional e emocional e evidenciou a complexidade das relações sociais.

Surgem as comunidades virtuais e a comunicação mediada pelo computador, criando uma nova linguagem: a linguagem multimidiática, que, por sua vez, influencia o surgimento de uma nova cultura. São as mudanças tecnológicas influenciando as mudanças comportamentais, as quais, por sua vez, demandam novas mudanças tecnológicas, criando assim um ciclo de retroalimentação que se perpetua (HAGUENAUER, 2009, p.59).

Não à toa, o Facebook, uma das principais mídias sociais da década, decidiu incorporar no início de 2016 diferentes reações de sentimentos nas suas principais linguagens de interação. A companhia realizou um estudo internacional, incluindo grupos focais e pesquisas para determinar que tipos de reações as pessoas gostariam de usar com maior frequência, além de investigar como usuários comentavam em postagens e usavam *emoticons* como sinal para diferentes tipos de reação.

**Figura 15 - Novas reações de interação social no Facebook**



No entanto, ainda há pouca pesquisa semântica sobre os afetos e subjetividades manifestados nestas plataformas e sobre como acontece a sua interconexão para uma compreensão mais geral. Ao entender o afeto como uma espécie de contágio pela conexão e os sentimentos como base das nossas decisões, me empolgou a oportunidade do estudo da relação entre afeto e lugar no bairro das Laranjeiras e entre as significações subjetivas intangíveis e as vivências concretas e sensoriais neste lugar.

Afinal, trata-se do mesmo lugar em que meu pai Marcos Cavalcanti estudou por toda sua infância e adolescência no Colégio São Vicente de Paula e habitou com meus avós Gilda Couto e Roberto Cavalcanti e tios Roberto Cavalcanti e Flávio Cavalcanti. Em que minha mãe frequentou o colégio Sacré-Cœur de Jésus durante sua juventude e se deslocou várias vezes para me levar ao colégio Lycée Molière, onde estudei por mais de doze anos. É o bairro que frequentei por anos para visitar a sede do Fluminense, meu time de futebol. Foi em Laranjeiras também que conheci muitas amizades sem prazo de validade e venci os medos mais juvenis. Onde moro hoje com minha mãe, meu padrasto e três gatos vira-lata faz quatro anos. Minha trajetória nas ruas, esquinas, prédios, praças e parques de Laranjeiras e as relações que ali desenvolvi e sigo cultivando, além da imensa vontade de descobrir essas redes de memória que se articulam em um sistema complexo e dinâmico, me certificaram de que este seria o recorte espacial ideal.

Enquanto andava pelos caminhos deste bairro e trocava olhares com as pessoas que se movimentam em sentidos contrários, em ondas de ritmos, em grupos e sozinhas, sempre me indaguei sobre as histórias efêmeras que passam despercebidas todos os dias pelos relatores e narradores tradicionais, dos grandes grupos empresariais de comunicação. Vivências que deveriam ser imortalizadas em sua maior potência, nas coordenadas geográficas em que se passaram. Para Kevin Lynch (1960), os bairros são concebidos como tendo uma extensão bidimensional em que o observador penetra («para dentro de») mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e de identificável. São sempre passíveis de identificação do lado interior, e, também, do

exterior, no caso de se poderem notar, com diferenças de indivíduo para indivíduo. A maior parte dos cidadãos estrutura deste modo a sua cidade, cujos elementos importantes são as vias ou os bairros. Isto parece depender não só do indivíduo mas também da cidade em questão.

Em uma primeira etapa, utilizaremos as plataformas de cartografia interativa *QGis* e *My Maps* para posicionar as entrevistas individuais feitas em áudio e vídeo, para aproveitar a coleta e interpretação de publicações geolocalizadas e referenciadas por *hashtags* e palavras-chave em mídias sociais como Instagram, Facebook e Twitter, para incluir as imagens de arquivo pessoal e a filmagem em realidade aumentada nos locais de aglutinação de memórias. Os diferentes materiais disponibilizados e obtidos pelo encontro com estes sujeitos e pelo estímulo da rememoração de suas recordações estarão conectados pelo lugar em que aconteceram e a sua referência de afetos. Por exemplo, duas memórias que se passaram na Praça São Salvador (o lugar) e envolvem Carnaval (o afeto) podem ser interligadas por um ou os dois tipos de nós desta rede.

Em uma segunda etapa, todas essas esferas narrativas serão incorporadas a uma plataforma desenvolvida com funcionalidades específicas de cartografia colaborativa e linguagens em sintonia com os objetivos do mapa. Pois nestes novos ambientes eletrônicos “estão o desenvolvimento de formas de narrativas mais colaborativas, em que todos podem ser contadores de histórias, e a criação de universos narrativos cada vez mais complexos” (FIGUEIREDO, 2016, p.49). Desta maneira, trata-se de um mapa *online* que revela em experiência imersiva as diversas memórias afetivas no bairro das Laranjeiras e facilita a leitura das articulações desses fragmentos subjetivos em redes interconectadas pelo afeto e pelo lugar. E o melhor é que essas experiências podem ser compartilhadas com pessoas de vibrações próximas e sonhos coletivos e incrivelmente reais. Já que um mapa é uma geografia planificada, um ambiente de linguagens referenciadas pela noção de espaço que também está em constante transformação, a proposta é aprimorá-lo com recursos que possibilitem leituras possíveis das suas múltiplas dimensões. Superaremos as cartografias limitadas a duas dimensões e estáticas para alcançar um mapa de multiversos simultâneos e dinâmicos.

## **5.2 Mapeamento de redes**

Aprendi com dois conhecidos em uma oficina de planejamento de campanhas de financiamento coletivo que o mapeamento de redes é uma etapa fundamental em qualquer trabalho que almeje ampliar seu alcance para várias pessoas. E que este passo poderia ser dado sem muito esforço: bastaria um computador com acesso à Internet e uma planilha de Excel com os contatos das pessoas que poderiam ser entrevistadas.

Para adentrar com o cuidado necessário esse macrocosmo de memórias do bairro das Laranjeiras e conhecer os sujeitos que as resguardam em si, comecei por listar todas as pessoas de núcleos sociais mais próximos que poderiam ser entrevistadas para o mapa. Pessoas que receberiam uma mensagem minha hoje e responderiam no dia seguinte concordando com o que quer que fosse demandado. Parti então das relações mais íntimas em minha própria trajetória de vida, como o vínculo com a amiga-irmã Alice Marie, e dos contatos indicados que apareceram como resultado de uma das primeiras pesquisas que fiz sobre moradores que criaram canais e veículos para o bairro, como a administradora da página Bairro das Laranjeiras Isabel Vidal.

Combinamos, eu e a criadora do principal website do bairro, um bate papo no *Maya Café*, em que ela me trouxe sem aviso prévio dois livros: *Bairro das Águas Férreas*, de José Pougy, e um livreto sobre o bairro do Cosme Velho. Como se não bastasse a generosidade gratuita a que não estamos acostumados no cotidiano urbano, Isabel também me entregou uma lista com números de telefone e endereços de *e-mail* de indispensáveis figuras de Laranjeiras. Entre as quais estavam o arquiteto Nireu Cavalcanti e Yeda Dantas, fundadora do bloco Gigantes da Lira. Aproveitei igualmente, durante todo esse tempo, para pedir indicações aos amigos que encontrava nos afazeres e passeios do dia a dia.

Ao acúmulo de contatos de todo o segundo círculo de pessoas que poderiam ser entrevistadas, incluindo um conhecido sócio de restaurante e o avô de um colega de faculdade, somaram-se lideranças comunitárias como os citados anteriormente Cirlan Oliveira, do Projeto Morrinho e Jorge Luiz de Barros dos Santos, da AMAVPS (Associação de Moradores e Amigos da Vila Pereira da Silva), e célebres personagens que trafegam há anos sobre as calçadas do bairro das Laranjeiras, tais como o passeador de cachorros Carlinhos. Ademais, Edna do Nascimento, funcionária da AMAL (Associação de Moradores e Amigos de Laranjeiras), abriu as portas do prédio que

abriga a associação para que eu pudesse consultar o arquivo de documentos com reportagens, fotos, cartazes, pôsteres e demais materiais históricos sobre o bairro.

### **5.3 Consulta de arquivos**

Após algumas conversas telefônicas com Edna do Nascimento, consegui confirmar a data em que visitaria a sede da AMAL para consultar o seu arquivo. Visitei o estabelecimento em um fim de tarde ensolarada no mês de julho. Chegando lá, me deparei com diversos documentos históricos sobre o bairro, como centenas de edições do jornal Folha da Laranjeira. Edna foi imensamente solícita em se oferecer para contribuir com possíveis prosseguimentos da pesquisa, e se entusiasmou tanto com a proposta deste projeto prático que sugeriu que o lançamento da plataforma pronta fosse realizado em um evento social no bairro. Chegou, inclusive, a preconizar a construção de um museu de memórias de Laranjeiras, e avisou que contaria comigo para a sua hipotética curadoria.

É importante salientar que a sede da AMAL não é o único lugar a preservar jornais, livros, revistas e fotografias da história dita oficial que serão utilizados no Mapa Afetivo de Laranjeiras. Entendemos que a produção de fatos históricos é ilimitada em si mesma pelas condições próprias à vida humana, e paralelamente é extenso o seu processo de documentação. Então, estão previstas também visitas ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, na Cidade Nova, ao Arquivo Nacional, no Centro, à sede do Instituto Pereira Passos, no próprio bairro das Laranjeiras, ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, em Botafogo, e demais estabelecimentos com contribuições disponíveis. Também serão agendadas conversas com o museólogo Cau Barata, o escritor José Pougy e o arquiteto Nireu Cavalcanti.

### **5.4 Gravação de entrevistas**

Até a entrega deste trabalho, em dezembro de 2017, foram gravadas quatro entrevistas, totalizando cerca de 1h20min de duração. Todas as quatro gravações foram feitas em um *smartphone*, em alta definição e formato mp4, nas dimensões 1920 × 1080 e *codecs* H.264 e AAC. A primeira entrevista aconteceu com minha amiga Fabíola Camargo, professora do colégio estadual Amaro Cavalcanti, no dia 3 de novembro de 2017, em sua própria casa na rua das Laranjeiras. A segunda foi filmada no dia

seguinte, sobre dois bancos na Praça São Salvador, com a Flavia Brêtas, uma grande amiga *designer* que conheci recentemente. A terceira foi registrada no dia 6 de novembro de 2017, com a irmã de vida Alice Marie, sobre sua cama e dentro de sua casa em Santa Teresa. À narrativa de Alice serão complementadas imagens audiovisuais de arquivo da infância e adolescência no Lycée Molière em que eu também apareço, além de fotografias digitalizadas e digitais. A quarta foi realizada no dia 7 de novembro de 2017 no restaurante Carmelo, situado no Catete, com Flora Prata, uma amiga que conheci durante a campanha eleitoral de 2016. A previsão é de seguir o agendamento de entrevistas previstas com as pessoas citadas no mapeamento de redes.

## 5.5 Coleta de material

Percebemos que palavras, frases, fotos, vídeos, *emoticons*, *emojis*, *GIFs* e áudios são hospedados em enorme quantidade e volume em mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter. Em 2015, um estudo da Business Software Alliance afirmava que 2,5 quintilhões de bytes são criados todos os dias. Concretamente, está previsto que o volume de dados chegue a 1,3 "zettabyte", uma medida que equivale a um sextilhão de bytes, graças ao forte aumento dos uploads de vídeos, segundo estimativas apresentadas pela empresa tecnológica Cisco. Essas gerações de conteúdo espontâneas possibilitam naturalmente com que os usuários se expressem para além da linguagem formal e objetiva. Sobretudo imprimindo suas emoções, sensações e impressões sobre os momentos efêmeros que experimentaram. Logo, há amplo material disponível sobre as vivências pessoais relacionadas aos lugares. Às entrevistas gravadas serão acrescidas essas “pegadas subjetivas” espalhadas pelas mídias locativas. Estas informações, que foram e serão coletadas principalmente através de buscas feitas em grupos do bairro das Laranjeiras no Facebook (por exemplo, *BAIRRO DAS LARANJEIRAS - Rio de Janeiro e Moradores do Flamengo, Catete, Laranjeiras e Botafogo*), por palavras e termos relacionados ao lugar no Instagram (a partir, por exemplo, da *geotag* Laranjeiras e outras *hashtags* derivadas) e por buscas dessas mesmas *hashtags* no Twitter. Essa etapa exigirá uma análise mais profunda das informações que são publicadas nas mídias locativas digitais.

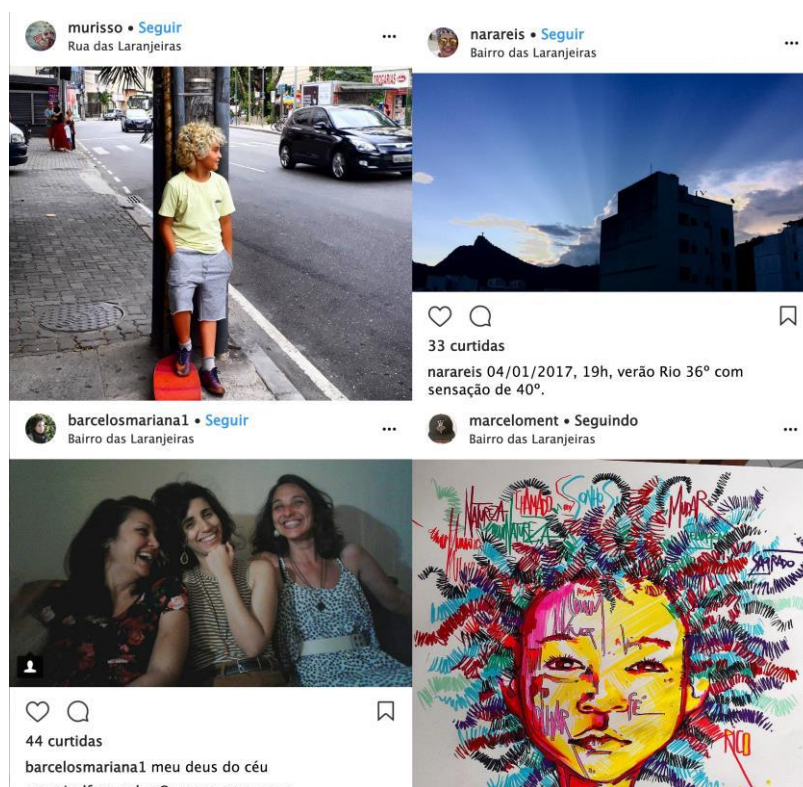


**Figura 16 - Captura de conteúdo relacionado à geolocalização Laranjeiras no Facebook**



No *Instagram* já se observam as mil dimensões da realidade cotidiana do bairro das Laranjeiras ao sobrepormos as fotos lado a lado. E torna-se evidente que essas perspectivas enriquecem todo o processo de interpretação dos contextos, e se interligam pelo afeto (por exemplo referenciado por alguma *hashtag*) e pelo lugar.

**Figura 17 - Mosaico de capturas de fotos na rua e no bairro das Laranjeiras publicadas no Instagram**



No Twitter, por exemplo, o usuário @addammgl expressa o seu entusiasmo com o *Brownie do Luiz* e os salgadinhos da clássica Rotisseria Sírio-Libanesa, dois estabelecimentos de venda de alimentos bem conhecidos por quem passa pelas principais vias do bairro.

**Figura 18 - Capturas de tweet sobre as delícias gastronômicas de Laranjeiras**



Para a conexão dos números sobre o bairro das Laranjeiras, contei com o envio de pesquisas do IBGE pela Adriana Gonçalves Saraiva e com os dados abertos do Instituto Pereira Passos no escopo do programa Bairros Cariocas e atualmente disponíveis no site datario. Por sugestão de minha amiga Caroline Lopez, também será incorporado ao mapa um documentário que se passa na Praça São Salvador, de autoria do amigo Antônio Neri e sua produtora Ziggy Filmes.

## 5.6 Edição

As entrevistas gravadas e as próximas a serem filmadas ainda em dezembro serão editadas por mim através do *software Adobe Premiere Pro CS6*. O objetivo é que todo o material gravado seja editado para ser incluído no mapa e que os vídeos sejam encurtados de maneira que seu ritmo se torne mais dinâmico. O conteúdo essencial da

mensagem será destacado, assim como as expressões faciais e gestuais que mostram com maestria as emoções envolvidas.

## 5.7 Transmigração

Todo o material que será posicionado nas plataformas gratuitas e abertas de mapeamento QGis e MyMaps em um momento inicial será posteriormente transmigrado para uma plataforma que será criada especialmente para o Mapa Afetivo de Laranjeiras: redes de memória em narrativas Transmídia. Todos os arquivos mp4, mp3, jpg, jpeg, png, avi e demais formatos que foram hospedados online serão salvaguardados em um HD externo com alta capacidade para garantir que não sejam perdidos no momento da migração para a nova plataforma. Além dessa precaução, será primordial garantir que as novas entrevistas gravadas, as imagens de arquivo acumuladas e outros dados coletados nas mídias sociais também sejam salvos. A tecnologia cartográfica prevista será totalmente idealizada pela autora do projeto prático e será construída por um desenvolvedor web em versões *desktop* e *mobile*. Alguns amigos programadores que possuem conhecimento em diversas linguagens da informática e acumulam sites e aplicativos em seus *portfolios* serão contatados para estipular um orçamento de produção. No primeiro semestre de 2018 serão marcadas as reuniões com a futura equipe.

## 5.8 Desenvolvimento

Não caberia no cronograma exigido pela UFRJ a realização completa do projeto prático com identidade visual, interface, domínio e plano de redes próprios. Também não existe qualquer site que contemple todas as necessidades técnicas e ofereça as tecnologias que do que ensinamos para o Mapa Afetivo de Laranjeiras. Então, em um breve horizonte deste projeto se encontra efetivamente o desenvolvimento de uma plataforma cartográfica para web que contemple todas as funcionalidades ressaltadas anteriormente. O projeto deverá ser criado e orçado com mais de 3 profissionais, e os recursos serão arrecadados via campanha de financiamento coletivo. O código fonte do mapa ainda será elaborado em conjunto com programadores e a identidade visual será planejada junto a designers, tudo nos três primeiros meses de 2018.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias de hoje, o jornalismo encontra novas potências e possibilidades sem abandonar sua raiz investigativa e esmiuçadora. Não satisfeita com as notícias, escolhi o curso da UFRJ para fazer perguntas. Para o exercício do questionamento, para a concepção das minúcias e para a exploração da sensibilidade intuitiva que nos é cara na produção científica. Não à toa as proximidades do jornalismo com a psicologia e a psicanálise estão evidentes. Assim, estando ciente das incertezas e das dúvidas, como todo pensamento, este trabalho não almeja uma conclusão definitiva, mas algumas considerações finais que servem como indícios e provocações para uma nova fase. Assim como na vida, deixei o mapa sem um final pronto. Demos, por enquanto, alguns passos, eu e quem participou direta e indiretamente da sua construção. Pretendo agora continuar com o trabalho fazendo mais gravações para constituir um mosaico mais elaborado, de modo que ganhe mais peso até para poder ser apresentado para os moradores do bairro e, quem sabe, em congressos da área. Afinal, todos que participaram ou ouviram falar do tema deslumbraram-se com a sua criatividade e sensibilidade.

O contato com este universo sentimental, descomprometido com o ego, e o estudo da frieza dos dados e da tecnologia numa perspectiva abstrata e subjetiva me instiga, além da intensa potência de abrir meus processos criativos para a produção coletiva. Enxergo na diversidade uma força absurda, e por isso entendi que não só é possível como necessário complementar todas as potências narrativas do jornalismo para criar e entregar à sociedade valores que transbordam a palavra escrita. Na transmídia, a compreensão da narrativa se dá no cruzamento de várias mídias, em um sistema de rede inter e multitextual que gera uma experiência interpretativa ampliada e complexa. Esta é, aliás, uma das características preponderantes do fenômeno transmidiático, e talvez uma das maiores possibilidades seja que as histórias transmidiáticas operam não como uma coleção de textos, mas como um intertexto, um texto que é produzido na interação entre múltiplos textos. De fato, a transmidialidade não se ocupa apenas de múltiplas histórias ou versões, mas de criar um rico espaço intermediário, um arquivo do sentido compartilhado entre diferentes partes da história.

Nossas redações estão mais interessadas repetir vícios de linguagem e olhares sobre as ruas do que vivê-las de forma contemplativa sobre o convívio social. O olhar humano do jornalista – que está imerso em uma lógica produtivista fora do seu alcance – é jogado para o último plano. É preciso sim quebrar essa lógica, dialogar, se aproximar, entender, confessar, curar. A vida e o humano são muito complexos para simplesmente dividirmos o mundo entre mocinhos e vilões, bons e maus, bandidos e vítimas. Entre o branco e o preto, há diversas tonalidades de solidariedade, carinho e amor. O que faço, como jornalista, é tentar enxergar esses nuances subjetivos para ir além da primeira camada, do óbvio, do simplório.

O mapa afetivo de Laranjeiras e o relatório de produção trazem um olhar mais amplo sobre o processo de instigar a memória humana, a partir de quem viveu a experiência do lugar, e contribuem para que sejam conhecidos dados e informações sobre o bairro das Laranjeiras no tom subjetivo. Também me proporcionaram adaptar um trabalho desenvolvido a partir de um olhar acadêmico para um formato jornalístico multidimensional. Os dias e noites virados em frente ao meu computador, me estimulando e exteriorizando fragmentos de pensamento desempenharam um papel de autoconhecimento não apenas sobre meus ensejos acadêmicos, mas principalmente sobre relacionar-me comigo mesma e meus arredores. Sem dúvidas, foi um aprendizado único, inesquecível e que abriu meu olhar para um tema tão importante e urgente.

Por fim, levo também comigo os ensinamentos do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, que coloca em primeiro plano a bagagem subjetiva e intersubjetiva para considerar decisivas as relações afetivas construídas no “lugar”. Os carnavais da Flávia, os passeios incríveis da Alice no parque, os sons do Largo do Machado escutados pela Fabíola e as amigas de infância do pai da Flávia no Fluminense. Pinceladas sobre o que significa Laranjeiras em termos subjetivos que são insubstituíveis e continuarão dando mais cores para a arte de ser afetado no lugar.

## 7. REFERÊNCIAS

AMORIM, Érica; BLANCO, Maurício. **O Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Armazém de Dados, 2004

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução (da tradução francesa) de Roberto Leal Ferreira. 2 ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 350p. ISBN: 8533608411.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BREUER, Josef. FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999.

CASTRO, I. E. **Imaginário Político e Território: natureza, regionalismo e representação**. In: Explorações Geográficas (Org.) CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155 – 196

CAVALCANTI, Nireu. **Construindo a violência urbana**. Rio de Janeiro: Madana Volume 1 da Série Promovendo O Debate, 1986.

CAVALCANTI, Nireu. **Rio de Janeiro centro histórico 1808-1998: Marcos da colônia**. Rio de Janeiro: Anima/Dresdner Bank Brasil, 1998.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista: A vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.

CAVALCANTI, Nireu. **Crônicas históricas do Rio colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2004.

CAVALCANTI, Nireu. **Histórias de Conflitos no Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ELLER, Cássia. **All Star**. Por Nando Reis. *Para Quando o Arco Íris Encontrar o Pote de Ouro*. Warner Music Brasil, 2000.

FERREIRA, Sérgio Rodrigo. Artigo Científico – **Nós a Mídia: Formação da Opinião na Internet, Comunidades Virtuais e Blogosfera Capixaba**. 2008, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1068-1.pdf>

GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2009.

HAGUENAUER, Cristina. **Fatos e reflexões sobre dois séculos de comunicação no Brasil**. Brasília: Banco do Brasil, 2009

HAGUENAUER, Cristina. **REALIDADE VIRTUAL: ARTICULAÇÕES COM OS ESTUDOS DA LINGUAGEM**. Itabaiana: Interdisciplinar, 2013.

HOF, Christian van 't. **Check in / Check out : the public space as an internet of things**. Rotterdam: NAI Publishers, 2011.

HOMERO, Vilma. **Subúrbios: 150 anos de história carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

JAQUET, C. **A unidade do corpo e da mente: Afetos, ações e paixões em Espinosa**. Trad. Marcos F. de Paula e Luís César G. Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

JENKINS, Henry. **Transmedia Storytelling 101**. 2007, disponível em [http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia\\_storytelling\\_101.html](http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia_storytelling_101.html) ‘

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009

LEMONS, André. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão**. 2004, disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibermob.pdf>

LEMONS, André. **Mídia Locativa e Territórios Informacionais**. São Paulo: Educ, 2008, disponível em [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/midia\\_locativa.pdf](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/midia_locativa.pdf)

LEMONS, André. **Jogos móveis locativos. Cibercultura, espaço urbano e mídia locativa**. São Paulo: Revista USP, 2010.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LOPES, Tiago; FARINA, Camila. **Cidade Transmídia: o espaço urbano como suporte para narrativas digitais**.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960

MALINI, Fabio. **O Comunismo das Redes. Sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**. Rio de Janeiro, 2007.

MALINI, Fabio. **O valor no capitalismo cognitivo e a cultura hacker**. 2009, disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/311/216>



MEIRELLES, Heloisa. **Fábrica Aliança: operários em Laranjeiras e a constituição do bairro.** Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2014. Disponível em <http://heloisahmeirelles.blogspot.com.br/2014/12/fabrica-allianca-operarios-em.html>.

Acesso em 29 de novembro de 2017.

MORAES, Vinicius. **Antologia Poética.** Rio de Janeiro: À Noite, 1954.

MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço.** São Paulo: Unesp, 2003.

PAIVA, Daniela. **Como o Mapas Afetivos, que conta a história da cidade pelos seus lugares, evoluiu e se tornou colaborativo.** 2015, disponível em: <http://projetodraft.com/o-projeto-mapas-afetivos-que-counta-a-historia-da-cidade-pelos-seus-lugares-agora-sera-colaborativo/>. Acesso em 12 de março de 2017.

PAIVA, Raquel. **Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto.** São Paulo: Matrizes, 2012.

PAIVA, Raquel. MALERBA, João Paulo. CUSTÓDIO, Leonardo. **“COMUNIDADE GERATIVA” E “COMUNIDADE DE AFETO”: PROPOSTAS CONCEITUAIS PARA ESTUDOS COMPARATIVOS DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA.** Santa Maria: Animus, 2013.

PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo (Org). **Sistemas Colaborativos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

POUGY, José. **O Bairro das Águas Férreas.** Rio de Janeiro: Ver Curiosidades, 2009.

PROENZA, Francisco. **Public Access ICT across Cultures: Diversifying Participation in the Network Society.**

RAO, C. R. **Statistics and truth: putting chance to work**. 2ed. Singapura: World Scientific, 1997.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SANTINI, Marie. Artigo Científico – **O “TIPPING POINT” DOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL: uma análise do papel das velhas e das novas mídias na política hoje**. 2015, disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT5-Santini-et-al.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Beatriz. AJUZ, Christine. **Palácio das Laranjeiras**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

SILVA, Bruna de Lima. Artigo Científico – **O Uso da Internet na Comunicação Comunitária: Análise do Portal Índios Online**. 2011, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/expocom/EX25-0131-1.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

SILVA, Luciana C. da. Artigo Científico – **O LOCAL DO OLHAR NA REPRESENTAÇÃO DA FAVELA ATRAVÉS DOS MICROCURTAS DO PROJETO MORRINHO**. 2015, disponível em: [http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/download/2041/pdf\\_424](http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/download/2041/pdf_424). Acesso em 20 de novembro de 2017.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SPINOZA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **A cidade: Sua distância da natureza**. 2013, disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/122/pdf>. Acesso em 26 de novembro de 2017.

O BAIRRO ONDE EU MORO. 2009. Disponível em: <http://floresdocampoparavoce.blogspot.com.br/2009/11/o-bairro-onde-eu-moro.html>. Acesso em 29 de novembro de 2017.

ZAIA, Sophia. **Entrevista com Jorge Luiz de Barros dos Santos, Presidente da Pereira da Silva em Laranjeira**. 2016, disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=22719>. Acesso em 20 de novembro de 2017.